Bem-te-vi



"Um menino pequeno os guiará"



Tio Paulo:—Está um dia lindo! Vamos passear o dia inteiro! Quem quer ir commigo visitar Vovó?

Francisca (menina de 14 annos): — Eu gostarei muito de ir, mas não posso partir antes de onze horas e meia. Vou á Escola Dominical ás dez horas.

Não posso faltar hoje, porque prometti levar o meu novo livro de hymnos e ensaiar os canticos novos que vamos ter na Festa do Natal.

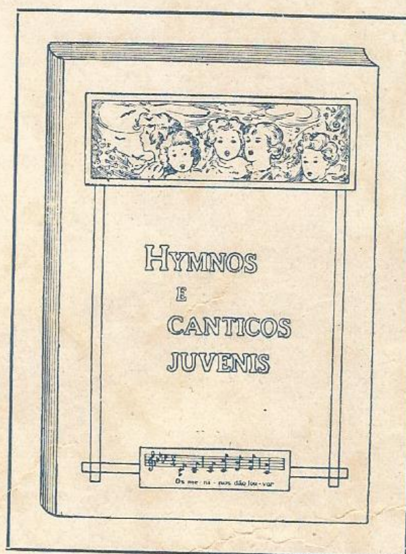
Tio Paulo:—Deixe-me ver este livro tão importante. Que belleza! Onde o arranjou?

Francisca:—Eu o ganhei como premio, porque angariei 10 novas assignaturas para nossa revista "Bem-Te-Vi". Todas as outras meninas em nossa classe têm pequenos livros de hymnos, mas não são tão bonitos como este e não têm musica, só as palavras, e custam apenas $500. O preço do *meu* e 12$000. Ganhei-o em tres horas, pois arranjei 10 assignaturas para o "Bem-Te-Vi".

Tio Paulo:—Muito bem! Mas como é que nunca tinha visto este livro? Eu me lembro que no anno passado não tinhamos hymnos novos para o Natal.

Francisca:—Porque é um livro *novo*, feito agora na Imprensa Methodista em São Paulo. Neste livro de Hymnos e Canticos Juvenis ha 80 lindas musicas e eu estou apprendendo a tocal-as. Sou a organista de nossa classe e prometti não faltar emquanto estivermos ensaiando para a Festa do Natal.

Tio Paulo: — Então, vamos juntos para a Escola Dominical, e, logo depois



de sahir, iremos depressa para a fazenda. Chegaremos na hora do almoço e passaremos o resto do dia com Vovó.

Francisca e os dois irmãozinhos: — Que Bom! Que lindo dia vamos passar com Tio Paulo em casa de Vovó! Será um passeio esplendido!

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117 — REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :::: N. 8 — REVISTA MENSAL | São Paulo-Brasil, Agosto 1923 | ASSIGNATURA ANNUAL. . . 5$000

MINHA TERRA

Minha terra é a mais bella
Dentre as bellas sem igual;
E' o Brasil, meus senhores,
Patria sublime, ideal!

Sob a stellifera abobada
Onde o Cruzeiro fulgura
Eis a terra mais dotada
Pela nossa mãe-natura.

São extensas suas mattas
As caudaes são majestosas
E o Atlantico soberbo
Banha-a de ondas sonorosas;

Compõe-se de vinte Estados
Todos ferteis, productivos;
São uns maiores que outros
Mas todos têm attractivos.

Ao Norte faz mais calor
Ao Sul frio moderado
E a zona que fica ao centro
E' de um clima temperado.

Em productos extractivos
Em riquezas naturaes
E' minha terra abundante
Que outra não será mais:

Pedras raras, preciosas,
Minereos de toda a sorte
Encontram-se em toda parte
Desde o Sul até ao Norte.

Nos campos grandes rebanhos,
Armentos, tropas, manadas.
Foram enormes florestas
Em lavouras transformadas.

Produz assucar, borracha,
Fumo, cacáo, côco, até
Trigo e vinho. E sobretudo
O precioso café!

Das fructas mais saborosas
Dentre as que são mais selectas
Ha abundancia nos montes
E estão as vargens repletas.

Terra de tanta grandeza
Tão bem fadada por Deus
Merece todo o desvelo
Todo amor dos filhos seus.

Sou brasileiro, senhores!
Tenho orgulho de o dizer;
Nasci para minha Patria
Por ella quero viver!

T. Pessanha.

"UM RETRATO DE DEUS"

Qual de vocês tem retratos de seus paes? Onde estão estes retratos? Bem guardados na sua mala, ou numa caixa no meio de bugigangas?

Você mesmo, ou outra pessoa guarda os retratos de Papae e de Mamãe? Acho que é natural um filho ter muito respeito para os retratos de seus paes, especialmente quando está longe de casa.

Tenho um retrato de Papae e um de Mamãe. Onde estão? Lá no porão na mala que abro duas ou tres vezes por anno? Não, com certeza não estão lá. Ao contrario, estão em cima no meu quarto, na mesa, bem perto da minha cama. Alli, posso vel-os todas as manhãs antes de começar o meu trabalho diario e todas as noites antes de me deitar para descansar. E' verdade que temos, e é perfeitamente natural que todos nós tenhamos, respeito e amor aos retratos de nossos paes, e os guardemos com cuidado especial. Onde está um menino, ou qualquer pessoa, que ficaria quieta deixando alguem rasgar ou abusar de qualquer maneira, de um retrato de seus paes?

Quantos dos nossos leitores querem ser parecidos com seus paes? Não é natural que achemos bonitos nossos paes e as nossas proprias casas? Acho que sim. Bem me lembro uma vez quando eu era pequena, que chorei e chorei porque minha irmãzinha tinha olhos castanhos eguaes aos olhos de Mamãe, e os meus eram muito mais claros. Meu Pae, querendo me consolar, disse: "Oh, minha filha, não chore assim por causa disto, você não tem olhos eguaes aos de sua mae, mas suas sobrancelhas e seus dentes são muito parecidos com os della e você está crescendo tão depressa que, daqui a poucos annos, você será do mesmo tamanho que ella".

E como fiquei contente e alegre! Desde aquelle dia nunca mais chorei por não ter olhos bonitos.

Somos filhos de Deus e estamos longe de nossa casa celestial. Jesus Christo está nos ceus preparando um logar para nós.

O Espirito Santo está aqui no mundo para nos ajudar e nos guiar. E uma parte do trabalho delle é fazer imagens ou retratos de Deus. Elle, porém, não está usando tinta, papel e téla para os fazer, mas está pintando nos rostos dos homens, das mulheres e das crianças.

Realmente, que o Espirito Santo póde usar cada um de nós para fazer uma representação de Deus, é um facto notavel. E' verdade que com os corações cheios do amor de Deus podemos cada dia nos tornar mais parecidos com a imagem do nosso Pae.

Quero contar-lhes a historia de um homem, que amava muito o seu filho. E' uma historia verdadeira a respeito da infancia de um grande homem.

Um dia o pae estava no seu escriptorio quando uma visita entrou e disse:

—Boa tarde, senhor, vim para saber si o seu filho Carlos está doente.

A visita era a professora de Carlos.

—Não senhora, respondeu o pae, porque?

—Porque elle não foi ao collegio hoje, nem hontem, nem ante-hontem.

—Oh, disse o pae. Eu não sabia disto; elle tem sahido de casa todos os dias ás nove horas e voltado á tarde depois das aulas. Não senhora, não está doente, vou falar com elle. E muito lhe agradeço.

A professora sahiu e o pae sentando-se começou a pensar no procedimento do filho.

Logo depois ouviu alguem abrir o portão; sabia que era Carlos, o seu unico e muito amado filho. O pae abriu a porta e immediatamente Carlos viu que elle estava triste e realmente perturbado.

—Venha commigo, meu Bem, disse o pae.

Entraram no escriptorio e depois de fechar a porta o pae falou:—Carlos,

meu filho, sua professora esteve aqui hoje e disse-me que você não esteve no collegio hoje, nem hontem, nem antehontem. Sua mãe e eu estavamos socegados, pensando que nosso filho tivesse ido ao collegio todos estes dias. Eu sempre tive toda confiança no meu filho e você póde imaginar como estou triste e afflicto!

Carlos, menino de 14 annos, tinha muito amor ao pae e durante toda a sua vida, tinham sido muito amigos, sempre falando, brincando e trabalhando juntos tal e qual dois irmãos; Carlos ficou triste ouvindo o pae falar assim.

Passaram-se uns minutos de silencio; então o pae falou de novo: — Carlos, vamos falar com Deus e pedir perdão para o seu mau comportamento durante estes tres dias. O pae e o filho ajoelharam-se lá no escriptorio e de todo o seu coração falou com Deus a respeito dos peccados de seu filho amado. Quando elles se levantaram, Carlos estava chorando e os olhos de seu pae não estavam enxutos.

—Agora, meu filho, disse o pae, — ha uma lei neste mundo — **onde ha peccado, tambem ha castigo;** é uma lei da natureza, feita por Deus nosso Pae, para ensinar muitas lições importantes aos seus filhos amados. Apesar do facto de nosso Pae nos amar é necessario ás vezes que Elle nos castigue. Você fugiu do collegio, foi para um logar onde não devia, enganando os seus paes e negligenciando os seus deveres; por isso vá para o sotão, e fique lá o mesmo numero de dias e noites que ficou fóra das aulas. Nas horas de refeição eu mesmo lhe levarei alimento e agua.

Carlos não disse palavra alguma. Ambos subiram ao sotão. O pae arranjou uma cama pequena no chão, beijou o filho e desceu, deixando-o sózinho com os seus pensamentos.

Na hora do jantar o pae e a mãe sentaram-se á mesa, mas não puderam comer: estavam tão tristes e afflictos por causa do filho que lá em cima soffria sózinho. Sahiram da sala de jantar e foram para o quarto; o pae queria ler o jornal e a mãe coser, mas não podiam fazer nada. Estavam perturbados e acabrunhados. Finalmente, o relogio bateu dez horas, a hora em que geralmente se deitavam, mas nesta occasião continuaram sentados, ficaram alli em silencio até ás onze horas.

Então a mãe perguntou ao marido, — "Você não vae dormir ainda?"

—Não, ainda não, mas não precisa esperar por mim, vae agora, eu irei daqui a pouco.

A mãe, porém, não estava com somno. Ficaram alli até o relogio bater meia noite. Então, sem dizer palavra alguma foram para a cama... mas, não dormiram...

Depois de muito tempo a mãe perguntou — porque é que você não está dormindo?

—Oh, respondeu o marido, e como é que você sabia que eu não estava dormindo? Porque você tambem não está?

Então, ella confessou que não podia descansar porque estava pensando no filho que se achava sózinho lá em cima na escuridão.

—Nem eu, disse o pae.

Elles ficaram na cama até ás duas horas da madrugada; então o pae disse, —Eu não posso suportar isso nem mais um minuto, vou lá em cima com Carlos. Elle beijou a esposa e tomando o travesseiro, sahiu do quarto, subiu a escada, entrou no sotão bem quieto para não accordar nem assustar o filho. Atravessou o quarto e deitou-se na pequena cama com Carlos que não estava dormindo, mas, pensando, soluçava.

Nem o pae nem o filho disseram palavra alguma, mas com os braços um ao redor d'outro e com suas lagrimas misturadas elles dormiram.

A segunda noite fez a mesma cousa, dormindo no mesmo logar de castigo com o filho já arrependido.

Carlos nunca esqueceu a lição, nunca mais fugiu dos seus deveres e tornou-se um filho muito obediente e fiel. Sempre fez o possivel para agradar os seus paes.

Annos depois veiu a ser um grande homem e passou muito tempo prégando

o Evangelho de Jesus Christo na China. Ensinou os homens que nunca tinham ouvido a historia do amor de Deus e do sacrificio que Jesus fez quando Elle deixou a sua casa lá no ceu e veiu ao mundo para salvar os perdidos. Um dos sermões predilectos delle era contar a historia dos soffrimentos de Jesus, como Elle morreu na cruz e ficou tres dias e tres noites no tumulo para que pudesse salvar os seus filhos. Elle sempre recordava o amor de seu proprio pae como um exemplo do amor que Jesus tinha para com o mundo.

Eu penso que o amor que o pae mostrou ao seu filho é um retrato muito bonito de nosso Deus e nosso Pae, é mais perfeito e mais bonito do que uma figura pintada por qualquer artista neste mundo.

FLORENCE NIGHTINGALE

Capitulo III

O Chamado para a Criméa

D. Florence ainda estava descansando em Lea Hurst, quando rebentou a guerra da Criméa.

Vou explicar-lhes porque houve esta guerra.

Primeiramente, devem pegar no Atlas e abril-o no mappa da Europa. E' muito facil achar a Russia, pois é um paiz grande; a Turquia fica ao sul, no mar Mediterraneo, tendo a léste o mar Negro e ao sul o mar Eggeo. Agora procurem a peninsula da Criméa que fica no mar Negro. Nesta peninsula se realizou uma das maiores luctas nos tempos modernos.

A Turquia, assim como os outros paizes da Europa, achava que a Russia já era grande demais e não precisava de mais territorio. De modo que os dois paizes começaram a guerrear por inveja; ambos queriam mais territorio e mais poder.

A França e a Inglaterra attenderam ao pedido de auxilio da Turquia e os inglezes se notabilizaram pelo enthusiasmo com que partiram para a guerra. Ha muitos annos que não havia guerra, desde que Napoleão fôra derrotado em Waterloo, que os inglezes só se lembravam das victorias da guerra.

Quando chegou, na Inglaterra, a noticia da primeira batalha vencida no rio Alma, o paiz todo se entregou á alegria. Sinos tocavam, fogos de artificio se faziam ver, illuminações bellissimas deliciavam os olhos. Ninguem se lembrava senão da gloria, das bandeiras e das trombetas.

O aspecto das cousas mudou, quando o correspondente, que a redacção dum jornal enviou ao campo de batalha, começou a escrever artigos, contando os horrores da guerra. Todos ficaram penalizados ao ler a respeito dos soffrimentos dos soldados, das suas privações: quasi não havia medicos, enfermeiros nem um; camas, bacias, roupas, remedios não existiam assim como mesas para operação.

Os doentes dormiam no chão humido, tendo por unica protecção da chuva, a lona das barracas.

Os feridos eram levados para a cidade de Scutari, onde, muitas vezes morriam por falta de logar nos hospitaes.

Os medicos trabalhavam muito mas eram poucos para cuidar de todos; de maneira que, ás vezes, os enfermos morriam, de fome, nos hospitaes.

Florence lia todas estas descripções, com horror e indignação. Sentia vontade de partir para lá, afim de estabelecer a ordem naquelle chaos.

Quando o correspondente do jornal escreveu que as mulheres inglezas deviam seguir o exemplo das Irmãs de Caridade, que foram á guerra, cuidar dos francezes, Florence, immediatamente, sentou-se e escreveu ao Secretario da Guerra, offerecendo seus serviços.

Mas uma carta do Secretario Helbert já estava em caminho, pedindo-lhe que fosse a Scutari, como superintendente de um corpo de enfermeiras.

O sr. Helbert conhecia bem Florence e sabia que ella era uma mulher que podia vencer as circumstancias mais difficeis. Em seis dias, Florence reuniu trinta enfermeiras e partiram no dia 21 de Outubro. (Continúa).

O ROUXINOL

—Ora, mamãe, acho até uma imprudencia a senhora pedir-me que cante hoje á noite! Não posso fazel-o! dizia Rosa. Fiz uma promessa e cumpril-a-hei, custe o que custar! Não cantarei mais. Depois, o auditorio será apenas composto de umas dez ou quinze velhas corócas... E Rosa imprimiu especial emphase ás duas ultimas palavras.

—Minha filha, que enjoamento! Você bem sabe que d. Clara, d. Eunice, d. Marocas, d. Anninhas e outras são suas amigas e têm interesse em acompanhar os progressos de sua voz. Desde que você chegou do Conservatorio, ainda não cantou nem uma só vez! Porque não canta na reunião, hoje á noite?

—Mas mamãe não sabe que já não sou um realejo em que se dá corda a qualquer hora e tempo? Sou agora **uma artista** (assim disse o professor De Luca) e não vou malbaratar a minha arte, cantando a todo instante. Se eu cantar hoje á noite, logo me assaltarão com pedidos para cantar em toda parte. A unica cousa que posso fazer é recusar firmemente todos os convites...

D. Thereza, mãe de Rosa, suspirou.

—Sinto muito, mas não encaro a questão por esse prisma.

E com isto, lá se foi a tratar dos preparativos para a reunião da noite.

Seria uma reunião muito simples e amigavel, mas, apesar disso, requeria algum preparo e providencia. Rosa se offereceu para ajudal-a, e ambas trabalharam até á tardinha, a hora em que o sr. Anthero e Haroldo, respectivamente pae e irmão de Rosa, chegaram do escriptorio.

—Eh! Rosinha! exclamou Haroldo, estou com pressa de a ouvir **modular** umas canções...

E' verdade, Rosa, disse o sr. Anthero, desde que você chegou do Conservatorio, ainda não a ouvi cantar. Espero que hoje á noite o faça com brilhantismo.

Rosa apertou os labios, franziu os sobrolhos mas não disse nada. Subiu até seu quarto e alli se poz a meditar.

—Mamãe é boa, é terna... e ninguem a ama melhor do que eu... Mas... ha alguma cousa que ella não entende, raciocinava a petulante Rosa. Por exemplo, as **questões de arte...** Ella não comprehende o meu temperamento e as phases que com elle se relacionam... Ninguem canta melhor do que eu nesta cidade. Não vou perder tempo cantando para todo esse mundo de **Gécas**... Já o ministro me pediu que cantasse um solo no domingo que vem; a Liga Epworth pediu-me outro, para não dizer nada das classes Estrellas de Belém, Rosas de Saron e do Gremio Olavo Bilac!

E Rosa, sentando-se no peitoril da janella, embebeu o olhar na grama do jardim e ficou a scismar. De repente, ouviu o trillar de um grillo, ao que outro respondeu, lá de longe. Depois, chegou-lhe aos ouvidos um outro som, sahido de certo de uma flauta, queixoso e triste; depois, em crescendo gradual, ia-se tornando em doce e suave melodia. Era o rouxinol que cantava o seu canto da tarde. Rosa inclinou-se da janella e, com o coração a palpitar, até susteve a respiração para ouvir melhor.

Rosa era chamada entre as collegas do Conservatorio pelo appellido de "Rouxinol", e ella sempre dizia que se esforçava para fazer justiça a tal appellido. Porém, podia ella cantar tão bem? E Rosa, debruçando-se da janella, em vão se esforçava por divisar o passaro cantor.

Logo, na sua mente, brilhou uma verdade: o rouxinol não cantava para si mesmo, nem para Rosa; cantava para todas as creaturas que o quizessem ouvir. E repetia, sem cessar, atravez da noite, suas lindas melodias entremeadas de exquisitas variações. Não se importava o rouxinol si a audiencia era de artistas ou de **Gécas**, porém cantava por amor do canto.

—Ousei tomar o teu nome para appellido, murmurou Rosa como si falasse ao Rouxinol. Vou agora fazer-lhe justiça. E Rosa, sahindo da janella,

aprompto-se depressa e desceu para a sala de visitas.

—Oh! Rosinha! Como você está crescida! exclamou d. Marocas, dando-lhe um abraço.

—Mas é a mesma meiga Rosa de sempre! Os annos de Conservatorio não a deixaram orgulhosa... disse d. Anninhas.

—Nem um pouquinho! exclamou d. Clara.

—Agora, queridinha, queremos ouvil-a cantar... disse d. Eunice.

—Pois não, disse Rosa. Terei muito prazer em cantar para as amigas de minha mãezinha. Mas... não reparem si eu errar ou fizer **fiasco**...

E Rosa, sentando-se ao piano, feriu as notas e começou a cantar. Cantava agora como o rouxinol cantára naquella tarde: por amor do canto, na esperança de alegrar e edificar algum triste coração. E Rosa cantou as velhas árias de familia, entremeando-as com peças classicas, a todos prendendo sob a magia de sua voz.

Ninguem notou quando o sr. Anthero e Haroldo entraram e encostando-se á porta da sala, puzeram-se a escutar. Quando Rosa acabou o canto, o sr. Anthero caminhou para ella e tomando-lhe as mãos, disse:

—Rosa, minha filha: você canta como um rouxinol!

—E' mesmo! confirmou Haroldo, enthusiasticamente.

Rosa sorriu.

—Ah, quem me déra cantar como o rouxinol! disse Rosa. E ajuntou: Por falar nisso, Haroldo, diga aos seus collegas do Gremio Olavo Bilac, que sou artista-**cantora**, em disponibilidade para... contractos!



A gula, peccado de todos nós

COOKIES RECHEIADOS

Um terço de chicara de manteiga ou banha bem fresca (76 grs.).

1 chicara de assucar (230 grs.).

1 ovo.

Meia chicara de leite (um oitavo de litro).

1 colher de chá de essencia de baunilha (2 grs.).

Tres e meia chicaras de farinha (402 grs.).

Tres quartos de colher de sal (4 grs.).

4 colheres de chá de Pó Royal (16 grs.).

Bata a manteiga com o assucar e logo depois junte-se o ovo batido, o leite e a essencia; deite-se agora a farinha peneirada com o sal e o Pó Royal. Estenda-se a massa em mesa polvilhada até que fique bem fina e corte-se com uma tampa de lata redonda. Ponha-se uma colherada do recheio abaixo indicado em cada pedacinho de massa e cubra-se com outro; juntem-se as pontas com os dedos. Asse por 15 minutos em forno moderado.

RECHEIO

2 colheres de chá de farinha (4 grs.).

Meia chicara de assucar (115 grs.).

Meia chicara de agua (um oitavo de litro).

Meia chicara de passas picadas (113 grs.).

Meia chicara de figos picados (113 grs.).

Misture a farinha e o assucar em uma caçarola; ajunte a agua e a fructa e cosinhe bem até que fique grosso, não deixando queimar.

UMA LIVRARIA AMBULANTE

Tatu é o nome do burrinho branco que está dando a vida para tornar o Brasil mais feliz. Como poderá fazer isso? Distribuindo sabedoria; não a sabedoria que tem na cabeça, mas a que tem emprestada do homem e a que leva no dorso. Nas caixas que se vêem no dorso de Tatu se acham centenas de livros que foram publicados na Imprensa Methodista em São Paulo. Ha muitos exemplares da Biblia, do Novo Testamento, dos Psalmos, dos Evangelhos, do Peregrino, da vida de São Paulo, de Sermões de Wesley, do Outro Mago, etc. Ha tambem literatura para a Escola Dominical, o "Expositor" e o "Bem-Te-Vi" —a nova revista para crianças.

Tatu conta com um bom amigo — Jeca, o cavallinho preto que se vê na gravura, que lhe faz companhia nas longas viagens. Que parte tem Jeca nessa livraria tão exquisita? Leva o livreiro. Como Tatu poderia abrir a sua livraria maravilhosa e distribuir os livros, si não tivesse um livreiro para ajudal-o? O livreiro chama-se José de Oliveira. E' um homem de coragem e energia. E' casado e tem alguns filhinhos. Ama a familia, mas está prompto para sahir em viagem e ficar longe dos seus queridos tres ou quatro mezes. Felizmente, é forte e póde vencer as difficuldades como um bom soldado. Sua vida é ás vezes espinhosa, pois tem de viajar milhares de leguas supportando toda a especie de intemperies, por montanhas ingremes e perigosas e atravez de florestas solitarias. A's vezes elle e os fieis animaes precisam passar a noite longe de qualquer villa ou casa. Param no caminho e dormem em baixo de uma grande arvore ou no campo, tendo como tecto o ceu azul. E si o ceu fosse sempre azul, isto não seria tão



ruim. A's vezes, porém, grandes nuvens tempestuosas encobrem o ceu e a chuva fria não é muito agradavel.

Não ha difficuldade que possa desanimar este José. Elle, como José no Egypto, está convencido de que tem um grande trabalho para fazer e com boa vontade o fará, custe o que custar. De villa em villa, de fazenda em fazenda, vae elle levando a Palavra de Deus, aos logares onde nunca foi levada. O povo, cujas mentes e corações estão famintos, o recebe alegremente. Levamno para suas casas e lhe dão abrigo e o privilegio de prégar o Evangelho. Elle, com grande jubilo, vê homens e mulheres acceitando Jesus como seu Salvador. Com prazer, abre para elles a Palavra de Deus e outros livros de boa literatura que serão uma fonte de força espiritual até a sua volta, talvez oito mezes mais tarde.

Com que soffreguidão o povo devora as verdades maravilhosas que se acham nesta pequena livraria! A maioria não sabe ler, mas numa villa onde um ou dois sabem ler, os outros vêm para ouvir a leitura das historias interessantes.

A chegada deste homem de Deus é um grande acontecimento na vida de muitos dos que se reunem para ouvil-o sobre o plano de salvação: o amor de Deus, o sacrificio de Jesus e o dom do Espirito Santo.

José de Oliveira é um missionario — um verdadeiro heróe. Além de deixar o conforto do lar e soffrer difficuldades e perigos, é, ás vezes, muito perseguido.

Elle educa o povo para estudar a Biblia; este grupo muitas vezes se desenvolve em uma Escola Dominical, — é o principio de uma egreja. E é muito mais facil estabelecer uma egreja onde a Palavra de Deus já abriu o caminho.

O ÉCHO

Até a idade de cinco annos, Mario passou a vida numa grande cidade. Mais tarde, porém, seus paes passaram a residir numa bonita fazenda. Logo nos primeiros dias, Mario não se cansava de percorrer todos os cantos, afim de ficar bem conhecedor de sua nova moradia.

Ao redor da casa da fazenda havia um bello jardim. Ao fim do jardim abriase uma porteira que dava sahida para o campo e, ao fim do campo, via-se a matta cerrada e escura.

Certo dia Mario, chamando seu cãozinho Totó, atravessou o jardim, varou o campo e foi ter á orla da matta. Ahi chegando, principiou a ficar com medo.

—Totó! Totó! chamou elle.

E... cousa estranha! uma voz, vinda da matta, repetiu distinctamente: Totóóó! Totóóó!

—Olá, quem está ahi? perguntou Mario.

—Olá, quem está ahi? repetiu a voz.

—Saia pr'o largo! gritou Mario.

—Saia pr'o largo! commandou a voz.

Por essa altura, Mario já estava certo que algum menino, escondido na matta, estava a zombar delle.

—Malcriado! exclamou Mario.

—Malcriado! tornou a voz.

—Olhe, que eu atiço meu cachorro! Disse Mario.

—Olhe, que eu atiço meu cachorro! foi a resposta.

Ora, Mario, que tem medo de todos os cachorros que não sejam o Totó, deitou a correr na direcção da casa. Ahi chegando, correu para a mãe e desfez-se em lagrimas.

—Mamãe, lá na matta está um menino muito sem educação! E por entre soluços, relatou á mãe o que lhe acontecêra.

—Ora, tolinho, pois você não sabe que, si dissesse alguma cousa agradavel ao menino da matta, este lhe responderia no mesmo tom? O "menino da matta" não passa do écho da sua propria voz.

E a mãe rematou:

—No decorrer da vida, você ha de encontrar meninos e meninas. Estes meninos e meninas serão como o écho da matta. Trate-os com bondade e cortezia, dirija-lhes palavras doces, e elles lhe retribuirão com bondade, cortezia e palavras amaveis. Ao contrario, dê-lhes brutalidade e dureza de trato: receberá o troco na mesma moeda.

O FILHO DO TAPIR

O Filho do Tapir era o animal mais bello de toda a floresta. A floresta é a cidade dos bichos. Uns moram na copa das arvores, outros no tronco, outros pelas raizes.

Compadre Chico, um macaco idoso que já não podia mais trabalhar, passava a sua velhice numa bonita casa feita de trepadeiras vermelhas, e protegida pela ramagem espessa de uma arvore frondosa. Ora, compadre Chico tinha uma filha, que era a mais engraçada macaquinha que se póde imaginar: cintura delicada e gestos graciosos, era apreciada e querida por todos os animaes da floresta.

O Filho do Tapir, como se sabe, era muito bonito e tambem muito orgulhoso. Facilmente se enraivecia, sem mesmo averiguar si tinha ou não razão. Julgava que, por ser forte, tudo podia e nada lhe era impossivel. Com o peito largo, quebrava o matto e calcava o sólo com as pesadas patas. Já havia brigado com quasi todos os animaes da matta e queria ser por todos reconhecido como o mais forte. Por tudo isso, o Filho do Tapir era odiado e temido.

Logo que viu a macaquinha, esqueceu rancores e valentias para só pensar em se unir a ella pelos laços do matrimonio... Para isso, foi falar com o velho compadre Chico. Ao receber o **pedido**, compadre Chico exultou de alegria e a macaquinha tambem, pois o Filho do Tapir era valente, bonito, bonito mesmo. As pernas, elegantes; o peito, largo; o pello, fino e lustroso como seda...

Ficaram noivos.

Ora, aconteceu que o Gambá tambem vira a macaquinha e, da mesma fórma, apaixonou-se pela gentil bichinha. Com o fito de pedil-a em casamento, dirigiu-se á florida casa do compadre Chico.

Depois dos cumprimentos e de alguns rodeios da parte do Gambá, este declarou o fim da visita.

Compadre Chico, apezar de satisfeito por ver que a filha era tão requestada, respondeu que muito sentia negar, porquanto, naquella mesma manhã, já elle déra **palavra** ao Filho do Tapir.

—Oh! fez o Gambá, num movimento de despeito, que logo disfarçou em gesto de espanto, pois lhe viera, rapida, uma idéa. E arregalando os olhinhos, que assim se tornaram mais brilhantes ainda, continuou:

—Que me conta, compadre Chico? Pois vae deixar a mais formosa macaquinha de toda a floresta se casar com o Filho do Tapir?

—Pois então, porque se admira?

—E' incrivel, compadre Chico! Você não sabe que elle é meu cavallo?

Agora, foi o macaco velho que deu um pulo formidavel, e, pendurando-se pela cauda no galho mais alto de sua casa, ahi se balançou por algum tempo, mudo de pasmo e de indignação.

Afinal, recuperando a calma, e, descendo devagar, veiu novamente para perto do Gambá.

Este, que estivera rindo á socapa, compoz o focinho e, muito sério, confirmou:

—E' como lhe disse, compadre Chico! Você vae casar sua filha com **meu cavallo**, accentuou o Gambá.

—Olhe, Gambá, macaco velho não põe a mão em combuca. Considero muito o Filho do Tapir e não acredito o que você está falando. Só si eu enxergar com estes olhos que a terra ha de comer... Apresente provas, amigo Gambá, e minha filha será sua noiva.

O Gambá, lobrigando por entre ramos os olhinhos sagazes da macaquinha que tudo ouvira, fez um grande cumprimento e retirou-se.

A' tarde, veiu o Filho do Tapir. Todo orgulhoso e feliz, vinha visitar a noiva. Mas qual não foi o seu espanto e raiva ao ver que a macaquinha não appare-

cia e que o velho vinha recebel-o muito sério e ceremonioso!

Compadre Chico, que não tinha papas na lingua, foi logo dizendo tudo: que o Gambá alli estivera e fizera referencias desairosas a elle, Filho do Tapir, e até dissera que este lhe servia de cavallo!

—Ah! exclamou o tapirineo com os olhos brilhando de raiva. Aquelle bicho catingudo! Atrevido! Pois elle falou mal de mim?

Obrigal-o-ei a desmentir ou a confirmar o que disse, na nossa presença.

E batendo as patas, quebrando o matto com o peito, lá se foi em busca do Gambá.

O esperto bichinho, depois que se despedira de compadre Chico, fôra para casa, andando devagar, de cabeça baixa, imaginando. Que fizera? O Filho do Tapir era colérico e devéras forte; podia esmigalhal-o sem esforço. Com que raiva não ficaria ao saber o que elle, Gambá, dissera! Sentiu a bocca secca com um certo receio ao imaginar o que poderia acontecer. A certa altura, levantando a cabeça, viu perto de si uma bella goiabeira. Déstro e leve, subiu á arvore e poz-se a comer goiabas. Subito, deparou com um galhinho em fórma de forquilha e veiu-lhe á mente uma idéa luminosa. Escolheu duas forquilhas bem iguaes, aguçou-lhes as pontas e deu-lhes, o melhor que pôde, o formato de esporas de cavalleiro. Depois desceu e as escondeu ao pé da goiabeira, debaixo de umas folhinhas seccas.

Mais descansado dirigiu-se para casa e esperou.

Dahi a pouco um estalar de galharia secca e um bater de patas annunciaram-lhe a vinda do rival.

Immediatamente o Gambá estendeu-se por terra e poz-se a gemer.

—Ai! ai! Eu morro! Não posso mais! Morro mesmo...

Quando o Filho do Tapir assomou á porta, o Gambá estrebuchava, cerrava os olhos, gemia e se torcia todo, em arrancos de dor.

O recem-chegado, tremulo de colera, tocou com desprezo no Gambá.

—Anda, disse-lhe, vamos já, já, á casa do compadre Chico. Quero que você desminta, não sei que mentiras que lá disse a meu respeito.

Mas qual! o Gambá a nada attendia.

—Eu morro! Ai, ai, ai... gemia elle. Chegou a minha ultima hora... Como soffro... ai, ai, ai...

—Que me importa o seu soffrimento? disse, impaciente, o filho do Tapir. Dei minha palavra que você iria já, já, á casa de compadre Chico e ha de ir mesmo, vivo ou morto!

—Deixe-me morrer socegado. Misericordia! Tenha dó de mim, que nem posso morrer em paz! clamava o Gambá.

—Deixe-se de fitas, Gambá matreiro! Você ha de ir, custe o que custar, dizia o outro, colerico.

—Não, não irei... Ai, não! Pois você não vê que nem posso me aguentar em pé?

—Você ha de ir, ainda que seja carregado, vociferou o Tapir.

O Gambá quasi estalou numa boa gargalhada, mas habilmente disfarçou-a num arranco de dor, pensando: Chega emfim no que eu queria.

Depois, falando alto: Carregado? Pensa você que eu aguento vivo até lá?

—Está com medo, disse o Tapir. E' bem certo o dictado que **quem deve, teme**... Mas, você ha de ir. Ande, suba ás minhas costas!

O Gambá, entre frouxos de riso, que transformava em dolorosos gemidos, a muito custo subiu para o nedio lombo do Filho do Tapir. Mas nem bem se acavallou, puft! escorregou e cahiu de outra banda.

O Filho do Tapir voltou-se; viu o Gambá estatelado, arfando, com a cabecinha de lado.

—Isto vae morrer e eu não o levo? Impossivel! roncava furioso. E avançando para o Gambá, sacudiu-o, dizendo:

—Pois você ha de ir, ainda que seja morto!

—Ui! gemeu o triste. Por misericordia, deixe-me morrer em paz!

—Para você morrer em paz, deve ir primeiro desfazer as calumnias que levantou contra mim!

O Gambá soergueu o corpo e gemeu:

—Talvez pondo um panninho dobrado nas suas costas, eu aguentarei chegar até lá...

—Pois ponha e vamos, respondeu o Tapir.

O Gambá se arrastou até a casa, pegou em um pequeno acolchoado e, por entre gemidos, prendeu-o com uma correiazinha ás costas do rival, tornou a cavalgar e lá se foram pela estrada.

Ao chegarem debaixo da goiabeira conhecida do Gambá, este supplicou:

—Não corra tanto, Tapir, se não você me atira ao chão. Estou muito fraco para **plantar bananeira...** Nem bem dissera, bumba! cahiu, rolou sobre um tapete de folhas seccas.

—De nada valem todos esses embustes, disse enraivecido o Tapir. Prometti que você iria e ha de ir mesmo.

—Ah! ao menos si você me deixasse passar um cordelzinho, um cordelzinho atôa! pelo seu queixo, só para ver si me sustenho melhor. Ai! que horrivel pontada! Estou muito fraco, não me posso agarrar bem nas suas costas que são muito gordas e curvas. Logo se vê que você passa bem e leva vida folgada.. Tão nédio, tão forte! Eu, pobre de mim! tão fraco, tão doente, e ainda por cima arrastado por estes mattos sem fim... Ai, ai!...

Assim, emquanto se lamentava, o matreiro Gambá prendia nas patinhas trazeiras as espóras que deixara escondidas ao pé da goiabeira.

—Faça o que quizer, comtanto que vá, respondeu o outro, procurando conter a raiva prestes a explodir.

O misero Gambá, sempre gemendo, passou um cordelzinho, muito fino, muito fraco, dizia elle, — pelo queixo do Tapir.

A macaquinha e o pae esperavam impacientes na sua casa florida, fazia bem tempo que o noivo calumniado abalara.

Curiosos e attentos, prestavam ouvidos ao mais leve barulho. De repente, ouviram um tropel furioso e, com curiosidade aguçada, se debruçaram por sobre as trepadeiras para ver melhor.

O Filho do Tapir, ao avistar a casa da noiva, disse ao Gambá:

—Desça agora, que já está perto e você póde ir por seu pé.

—Ai, não! Mais um pouquinho! Tenha compaixão de mim!

—Nada! Desça! Desça já! bradou o Tapir.

Já estavam bem perto. A macaquinha arrelagalava os olhos pretos e vivos e o macaco velho não queria acreditar o que seus olhos viam. Mas, era mesmo: o Gambá lá vinha vindo cavalgando, ás costas do Filho do Tapir!

—Desça! Desça! pedia este.

—Não desço! retrucava o Gambá.

—Hein? Pois você não desce? Vou já lhe mostrar malandro! E o Filho do Tapir, num valente corcóvo, tentou jogar o Gambá ao chão. Mas este, endireitando-se e colhendo as rédeas, fincou as esporas no Tapir, fel-o dar umas voltas e estacar de prompto bem defronte á florida casa do compadre Chico. Depois, sempre de redeas curtas, desceu, amarrou o seu cavallo a uma arvore, e, voltando-se, disse aos donos da casa:

—Vim a cavallo para provar o que disse, compadre Chico. Espero que esteja satisfeito e dê-me sua gentil filha em casamento.

A macaquinha se requebrou e sorriu para o Gambá emquanto o Filho do Tapir, outróra forte e orgulhoso, agora cavallo, espumava com os olhos raiados de vermelho e mascava o freio.

"O pensamento é a linguagem dalma a falar comsigo mesma". — Platão.

"A habilidade e a necessidade são vizinhas".—Pythagoras.

PEQUENOS CIGANOS

CAPITULO V

"Depois da Noite Vem a Madrugada"

Nessa época minha tia e o marido passaram a viver comnosco. Minha tia mal sabia ler, mas lia muitas vezes no Novo Testamento a historia da vida e morte de Jesus. Dizia ao Papae que os peccados do mundo levaram Jesus á cruz e que Elle morreu para salvar o peccador. Papae ficava tão impressionado que muitas noites não podia dormir. Eu me lembro bem quando elle se sentava em frente do fogo e chorava a noite inteira, falando comsigo a respeito da promessa que fizera á Mamãe de ser um bom pae. E, como angustiado, repetia — Eu quero ser christão, quero tirar do meu coração esse peso que não posso supportar, mas não sei como fazel-o! Eu, vendo Papae assim, não podia dormir, pensando que elle iria perder a razão ou morrer. Muitas vezes, no dia seguinte, dizia a meus irmãos — Mamãe morreu e Papae tambem vae morrer.

Não ha palavras para exprimir os soffrimentos de nossa familia naquelles tempos de tristezas, mas "depois da noite vem a madrugada" e finalmente chegou o dia da libertação da alma de Papae e de paz para todos os membros de nossa familia. Papae estava sentado na escada de nossa casa, esperando a chegada de Emily, sua filha mais velha, que fôra vender miudezas na cidade, quando reparou que duas carroças de ciganos se approximavam, e, chegando perto, reconheceu seus dois irmãos Woodlock e Bartholomeu. Recordo-me bem daquelle encontro. Como elles ficaram contentes de nos encontrar! Papae era o mais velho dos tres, e apezar de ser um homem alto e gordo, era o menor de todos. Papae lhes contou a triste noticia da morte de Mamãe e todos chorando fizeram o possivel para nos confortar. Depois, Papae lhes contou o estado de sua alma e disse que morreria si não pudesse ficar livre daquelle peso no seu coração. —Cornelius, disseram elles, nós tambem já temos falado muito sobre este mesmo assumpto, tambem estamos soffrendo e queremos achar salvação em Jesus Christo.

Conversaram, ainda, muito sobre a necessidade da religião e de um Deus poderoso, para os livrar do peso do peccado, e, quando entraram no botequim, falaram com a dona alguma cousa sobre estas idéas. Ella tambem, commovida, disse que precisava de um Salvador, e que tinha um livro que tratava deste assumpto. Foi buscal-o e um moço que se achava alli, offereceu-se para ler o livro, que era uma copia do "O Peregrino". Quando chegou ao ponto onde "Christão" viu a cruz e o peso cahir das suas costas, tio Bartholomeu se levantou e disse: E' isto mesmo que eu quero; morrerei si Deus não me salvar! Todos sentiam do mesmo modo e choravam como si fossem crianças. No domingo seguinte assistiram ao culto numa Egreja Methodista onde ouviram um bello sermão sobre o sacrificio de Jesus para salvar os peccadores.

No dia seguinte estavamos em viagem para Londres. Ao anoitecer, como de costume, Papae abriu o portão de um pasto e soltou alli os animaes. Naquella noite Papae teve um sonho. Nesse sonho estava viajando num paiz onde havia muitas pedras, espinheiros, mat-

tos, etc.; os seus pés e mãos estavam ensanguentados e doloridos. Elle sentiu-se cansado e doente. Completamente exhausto, cahiu no chão. De repente, appareceu perto delle um homem vestido de branco cujas mãos tinham signaes de feridas. Vendo estes signaes, Papae comprehendeu que era Jesus. Elle, levantando as mãos feridas, disse, —Eu soffri tudo para te salvar. Quando estiveres prompto para deixar tudo e confiar em mim, eu perdoarei todos os teus peccados e te salvarei.

Papae, ao accordar-se, lembrou-se da leitura que ouvira no dia anterior. Quando foi buscar os animaes, a consciencia lhe dizia que não era licito roubar pastagem para os cavallos. Elle fechou cuidadosamente o portão e disse com coragem — Este será o ultimo peccado que propositalmente commetterei! Depois, fez oração e pediu a Deus para o dirigir a um logar onde pudesse achar alguem para ensinar-lhe o caminho que o conduzisse aos ceus e Deus ouviu aquella oração.

Quando Papae andava pelo caminho, encontrou-se com um homem que se offereceu para o conduzir a um logar onde poderia ouvir a prégação do Evangelho. Naquella mesma noite Papae e tio Bartholomeu foram á casa de oração. Antes de sahir, Papae tinha dito: — Meus filhos, vou á egreja para procurar a Deus e só voltarei convertido.

Eu não o entendi e para satisfazer minha curiosidade, resolvi seguil-os á egreja. Quando cheguei, o povo estava cantando um hymno a respeito do poder do sangue de Jesus para salvar o peccador. O coro dizia: "Eu acredito e acreditarei que Jesus morreu por mim". Ouvindo isso, Papae cahiu no chão completamente fóra de si. A angustia de sua alma era mais do que elle podia supportar! Que susto levei! Pensei que elle tinha morrido, mas logo voltou a si e orou a Deus, por meia hora mais ou menos, pedindo perdão e que lhe désse um coração limpo. Quando se levantou, a paz reinava no seu coração e o seu rosto brilhava de alegria. O peso tinha cahido e elle era um christão e sabia que tambem era um filho de Deus.

Todas as duvidas desappareceram e elle ficou cheio de coragem. Tio Bartholomeu tambem foi convertido naquella mesma noite. Lembro-me perfeitamente, quando Papae voltou para casa. Elle nos chamou e disse: — Meus filhos, não tenham mais medo de papae; elle agora é um filho de Deus, um homem novo; e abraçou-nos todos de uma vez, beijou-nos amorosamente, e ajoelhando-se, dirigiu uma oração que eu e meus irmãos nunca mais esquecemos.

Até hoje sinto a influencia daquella oração na minha alma! Durante toda a minha vida, quer seja cheia de difficuldade, de tristezas ou de alegrias, eu nunca poderei duvidar do poder de Deus para ouvir e responder a oração de um filho arrependido.

Na manhã seguinte, chamou-nos novamente para fazer oração, antes de sahir da tenda. Depois, foi dar estas boas noticias aos outros ciganos que se achavam alli perto. Chegando á tenda, achou meu tio e minha tia fazendo oração. Ao todo, treze ciganos encontraram Christo como seu Salvador naquella manhã. Meu irmão e minha irmã mais velha estavam nesse numero. E, desde aquelle dia, começou uma vida nova em nossa familia. Em comparação com os soffrimentos, tristezas e angustias dos ultimos annos era um verdadeiro paraiso. Satanaz, porém, não dormia e de continuo fazia o possivel para tentar os novos christãos.

(Continúa).

"No mundo ha uma cousa melhor do que **fazer por viver**; e esta é **fazer uma vida**". — Russel.

"Quem não tem cruz, não terá corôa".

"Ler sem reflectir é como comer sem digerir".

"Aquelle que doma sua raiva, doma um forte inimigo".

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

A FADA DESCONTENTE

O sol desappareceu ha muito. O luar dança tremulo nas aguas do rio, que em curvas graciosas, corta um valle florido.

Que rumor estranho é este que quebra o silencio da noite? Que maravilha! Eis surgem dos calices das quaresmas e dos caités em flor vaporosas creaturas. Unindo as mãos, começam a dançar ao som de uma suave melodia, entoada por uma orchestra de gnomos. Leves e graciosas, acompanham o rythmo da musica sem tocarem o chão com seus delicados pés. De vez em quando, uma se desprende da roda afim de pousar, numa petala de quaresma, que baila no espaço, ou dar uma prosa com Dom Grillo, que sempre tem muitas novidades a contar.

Estamos no paiz das fadas. Todas as noites vem a este paiz a rainha em cujos cabellos dourados brilha um diadema scintillante. Ella é a bondosa doadora das joias de orvalho com as quaes enfeita todas as cousas, até as mais humildes hervas, pois estima e aprecia todo o ser vivente. Escolhe, porém, com cuidado especial, as joias para as fadas e gnomos.

Todas as fadas se alegram muito com as joias que recebem.

Certa vez, uma dellas mostrou-se descontente por achar que recebia menos. Uma noite ficou mais aborrecida do que de costume, porque viu que a rainha ornava uma simples folha de grama, a humilde moradora de um pequeno gnomo.

—Como tenho razão de andar zangada! pensou comsigo a fada descontente. Ahi está a rainha enfeitando uma triste grama com mais joias do que as que recebo em uma semana! Que falta de gosto! Não valeria muito mais a pena dar estas joias a mim, que sou muito mais bonita? Tambem hei de descobrir aonde a rainha vae buscar as joias e arranjar quantas quizer!

Um dia a fada descontente retirou-se mais tarde do que as outras e viu os primeiros raios do sol dourarem as aguas do rio. Deslumbrada com aquelle esplendor, a fada disse comsigo:

—Ah! com certeza é de lá que a rainha tira as joias.

Na noite seguinte, quando as outras estavam distrahidas na dança, a fada descontente retirou-se da roda afim de ir para o rio. Não queria voar para que as outras não a vissem, mas foi procurando caminho por entre a relva. Isto era difficil por causa de sua pequena estatura que lhe não permittia saber onde estava. Teve que parar muitas vezes para trepar num arbusto e se orientar. Afinal. depois de muito esforço, chegou quasi até á beira do rio. De repente, ouviu um Quá, quá — bem perto. Estremeceu, mas logo depois animou-se e exclamou:

—Que tola que sou! Deu mais alguns passos. Já estava perto do rio onde o luar prateava as aguas. Encantada com este espectaculo, desceu o barranco e debruçou-se para apoderar-se daquelle thesouro tentador. Mas, ape-

O BAILE NA FLOR

Que bellas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campeia sem par!
Alli, das bromelias, nas flores douradas,
Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
Subtis vagalumes
Accendem os lumes
P'ra o baile na flor.
E então nas arcadas
Das pet'las douradas,
Os grillos em festa
Começam, na orchestra,
Febris a tocar...

E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando,
Gyrando,
Valsando,
Voando,
No ar!

Castro Alves

nas suas mãozinhas tocaram a agua, retirou-as depressa tiritando de frio e medo. Quiz levantar-se, mas seus membros gelados não lh'o permittiram. Quiz voar, mas suas azas, humedecidas pelo vapor que subia do rio, se recusaram a prestar-lhe serviço. Desesperada, pediu soccorro. Por muito tempo, ninguem lhe respondeu. A' correnteza do rio quasi a estava levando, quando um gnomo lhe estendeu a mão e a puxou para a margem.

Quando a fada quiz agradecer a seu salvador, viu-se frente a frente com o gnomo que julgara preferido da rainha.

Envergonhada do que havia feito, arrependeu-se, mudou de modo de pensar e viveu muito mais feliz.

Heloisa Marinho...

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

O MARINHEIRO

Uma vez um menino e uma menina dirigiram-se para a cabana de um marinheiro que morava bem pertinho do mar. Acharam-no assentado á soleira da porta, fazendo nós numa corda.

—Como vão? perguntou o marinheiro assim que os viu.

—Vamos bem, obrigado, responderam juntas as crianças, que haviam aprendido boas maneiras, e esperamos que o senhor tambem esteja gozando saude. Ouvimos dizer que o senhor tem um bóte e pensamos que talvez quizesse nos levar a passear nelle. E' isto o que mais desejamos na vida.

Pois chegaram a proposito, disse o marinheiro. Agora estou occupado mas logo que acabar o serviço, talvez leve commigo aquelle de vocês que aprender mais depressa um novo trabalho. Aqui estão algumas cordas nas quaes é preciso fazer alguns nós. Vocês poderão ir fazendo isso, é uma boa tarefa. E o marinheiro mostrou ás crianças como se faziam os nós. Depois, sahiu da cabana e deixou-os sósinhos.

Assim que o velho lobo do mar sahiu, a menina correu á janella e olhou para fóra.

—Alli está o mar, disse ella. As ondas vêm subindo pela praia e quasi que chegam até a porta da cabana. São muito ligeiras e parecem cavallos de crina branca e encrespada. Venha, irmãozinho, venha ver!

—Não posso, respondeu o menino, estou dando nós na corda.

—Oh! exclamou a menina. Estou vendo um bóte! Elle dansa como uma moça no baile! Nunca vi cousa tão linda! Venha, venha ver!

—Não posso, respondeu o menino, estou occupado.

—Ih! que bom passeio irei dar no bóte! continuou a menina. Espero que o marinheiro me leve porque sou maior e sei muitas cousas. Quasi não precisei olhar quando elle nos ensinava a dar nós nas cordas. Já sei bem como é que se faz!

Nesse instante entrou o marinheiro.

—Bem, disse elle, já acabei meu serviço. E vocês, que fizeram?

Eu estive olhando o bóte, disse a menina. Que belleza! Andar nelle será para mim um grande prazer.

—Eu fiquei fazendo nós... disse o menino.

—Então venha, disse o marinheiro, estendendo-lhe a mão. Levar-te-ei no bóte e ensinar-te-ei a remar.

—Mas eu é que devo ir, protestou a menina. Sou mais velha do que elle e sei muito mais!

—Póde ser que saibas, não duvido, respondeu o marinheiro. Mas uma pessoa precisa aprender a fazer um nó antes de poder sahir pelo mar largo em um bóte.

—Mas eu sei fazer nós! disse a menina. Sei muito bem como se fazem!

—. Ah! sabes? Mas como poderei ter certeza disso? tornou o marinheiro. E tomando o menino pela mão, lá foi sahindo em direcção á praia.



NA BICYCLETA











Eu, todo o dia
De manhã cedo,
Para o passeio
Saio sem medo.

Corro depressa
Na bicycleta,
Como nos ares
A borboleta.

Quando ella passa
Silenciosa,
Numa carreira
Vertiginosa,

Eu ouço a gente
Toda dizer:
Como elle sabe
Tão bem correr!

Pendo p'ra um lado,
P'ra o outro pendo,
Ligeiro sempre,
Sempre correndo.

Não ha quem faça
Taes piruetas
Quaes as que faço
Nas bicycletas.

Não ha quem nella
Seja capaz
De equilibrar-se
Sem os pedaes.

Pois eu, senhores,
Si não dou fé,
Vejo-me nella
Quasi de pé.

Sobre o sellim,
Sem ter receio
De me quebrar
Um braço ao meio.

De não contar
O que aqui digo
Espero, agora,
De meu amigo.

Pois, si é verdade
Que corro bem,
Sem cahir mais,
Como me vêm,

Não foi sem custo!
Nem pensem tal!
Que me não falta
Disto signal.

Pois tenho o corpo
Todo marcado
Dos grandes tombos
Que eu hei levado.

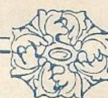
Mas hoje corro
Com a bicycleta,
Como nos ares
A borboleta..

F. F. M. Vianna.

Nossos Amiguinhos



Martha e Eunice Faustini galantes assignantes e futuras collaboradoras do "Bem-te-vi". São filhinhas do sr. José Faustini, de Itaju, que teve a gentileza de nos enviar o "Concurso Biblico", no qual um bom numero dos leitores tomam parte.



A PATRIA

"A patria não é a raça, não é o meio, não é o conjuncto dos apparelhos economicos e politicos: é o idioma creado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a usa independencia, a sua dignidade, a sua existencia autonoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

"A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento da sua lingua".

Olavo Bilac.



Patria .. é a bonança
Depois do temporal;
E' onde se descansa
No leito sepulcral.
Não ha maior conforto
A todo o que viveu
Em busca deste porto,
Que a patria lá no ceu.

João de Deus.



A VINGANÇA DE TOTO'

Sua apparencia não chamava a attenção. Sem hesitar, poder-se-ia dizer que era o mais exquisito cão do mundo. Tina as pernas muito longas. As patas enormes davam a impressão de que o matariam de fadiga, com o arrastar constante de cá para lá. Andava com a cabeça pendida, como quem traz comsigo uma magua secreta. Seu andar provocava, em quem o mirasse de lado, paroxysmos de riso: era uma grotesca mistura de trote e de galope. Elle era um cão de raça, de seis mezes de idade. Morava no navio "Serapins" e chamava-se Totó.

Comtudo, compensando seu physico, Totó possuia boas qualidades. Os seus olhos, — olhos humanos, de um castanho profundo, pareciam sorrir a todos. Totó não era nenhum cão mestiço — era um nobre e corajoso cão de raça, puro sangue.

A bordo, desde o commandante até o grumete, todos o amavam, e, devido ao seu appetite voraz, chamavam-no "tigre" e "giboia".

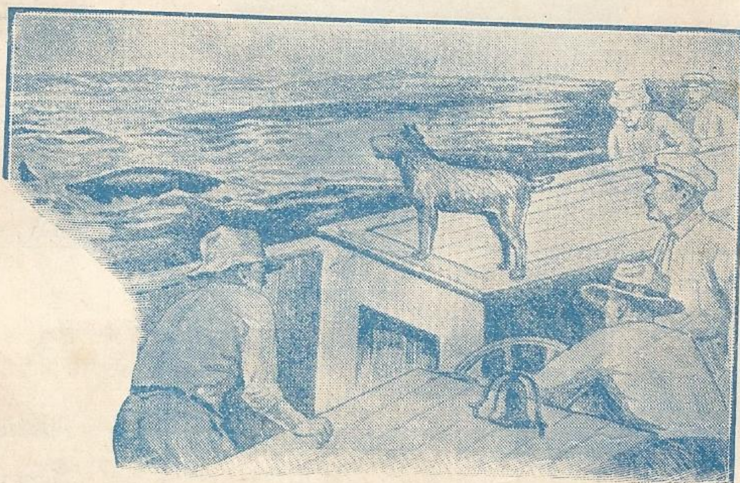
No dia em que o "Serapis" levantou ferro, a tripulação poz-se a observar Totó, numa viva curiosidade, a ver quando lhe vinha o enjôo. Porque os cães, como as pessoas, soffrem "o mal do mar"...

Debalde! Totó desapontou a todos. Em vez de deitar-se a um canto, ganindo e gemendo, percorria o navio de popa á prôa, com os olhos a brilharem de pura sympathia.

O "Serapis" era um dos mais desconfortaveis vasos de guerra. Durante seis dias o "Serapis" debateu-se em mares tempestuosos, até que um dia ancorou em Honolulu, no Pacifico.

Como não se permittem cães estranhos em terra, um marinheiro amarrou-lhe uma corrente ao pescoço e prendeu-o no navio. Feito isso, todos desceram á terra. Totó ficou sózinho, soffrendo a sua solidão. Isto de nada lhe valeu.

Na manhã seguinte, o "Serapis" zarpou, e após uns dias de jornada, ancorou numa encantadora ilha de coral. Ahi, o mar era de um lindo verde-esmeralda; e, como fazia calor e o dia estava quente, a tripulação pediu licença ao commandante para organisar uma partida de natação. Dentro de poucos minutos, os marinheiros atiravam-se á agua, nadando, boiando, mergulhando, como se fossem um bando de porcos marinhos.



De repente, Totó, postado numa pequena plataforma, começou a latir desesperadamente. Corria de cá para lá, como para attrahir a attenção. Comtudo, sua attitude inquieta passou despercebida aos marinheiros. Subitamente, porém, um marujo que, de papo para o ar, gozava a hora de descanso, olhou para o mar. No mesmo instante, soltou um grito de horror, e, acto continuo, agarrando o botão electrico que communicava com a sereia, apertou-o com força e longamente.

Os nadadores voltaram-se e olharam para o navio. Ahi divisaram innumeras mãos acenando e ouviram gritos de horror. Nadaram para bordo a toda pressa. Já alguns que haviam alcançado o convez, olharam para a vastidão das aguas. Viram claramente um enorme vulto avançando na direcção dos nadadores. Era um grande, um enorme tubarão!

Percebendo o perigo, os nadadores, que ainda estavam nagua, apressaram-se mais afim de alcançar em tempo a borda do navio. Só restavam tres homens nagua. Estes nadavam furiosamente, a grandes braçadas. No convez, a grita era infernal. Içavam-se cordas, davam-se conselhos, emquanto o tubarão vinha feito sobre os nadadores indefesos. Apenas oito metros medeavam entre os homens e o peixe voraz. Nisto, dois dos homens conseguiram agarrar as cordas e içaram-se para a amurada. O terceiro delles, desnorteado, tomou a direcção da escada que pendia do convez.

A distancia entre o homem e a féra diminuia a olhos vistos. Agora, já a maruja via o tubarão ir-se virando, virando, lentamente, afim de com mais segurança alcançar o pobre nadador.

De repente, todas as attenções se voltaram para Totó. Em vez de correr e de latir como dantes, postou-se teso, com as patas na amurada. O homem estava a dois passos da salvação e entre elle e a fera medeavam apenas quatro. Já o tubarão, de bocca escancarada, antegozava a presa certa.

Mas, subito, Totó, endireitando-se, armou um pulo e atirou-se á agua e foi cahir pesadamente nas costas do tubarão Foi este o unico meio de desviar a féra. Nem baldes, nem cordas, nem vassouras, e escadas tinham conseguido tanto. E, comtudo, Totó, o feio cãozinho, salvára uma vida!

O peso do cão cahindo de cinco metros de altura nas costas do tubarão, fez com que elle mudasse de rumo e seguisse outro.

Totó ficou debatendo-se nagua, emquanto o tubarão nadava para o outro lado do navio.

Uma duzia de marujos disputava o privilegio de içar Totó para bordo e a tripulação inteira o prazer de segural-o nos braços.

Tal adulação não agradou a Totó, que se poz a espernear até que o largassem no chão. Depois, modesta e calmamente desviou-se do feliz grupo, com aquelle andar grotesco, meio galope e meio trote, e, com aquelles olhos humanos, de um castanho profundo, parecia dizer aos marinheiros: "E', vocês me maltrataram em Honolulu: não quizeram levar-me á terra. Agora fiz *isso* só para mostrar que meu coração não guarda resentimento nem raiva."

PEDRAS PRECIOSAS

MEZ DE AGOSTO

SARDONICA

A Sardonica é uma pedra dura e fina. Dá-se-lhe tambem o nome de Sarda, porque era considerada antigamente como originaria da Sardenha, ou dos arredores de Sardes. Este nome gravou-se principalmente na Sardonica arenosa, variedade semeada de pequenos pontos escuros. A Sardonica vem da Asia.

Significa — Felicidade conjugal.

A PACIENCIA

A paciencia é um ingrediente necessario do genio. — Disraeli.

Quem tem paciencia póde alcançar tudo. — Rabelais.

Quão pobre são os que não têm paciencia! — Shakespeare.

Deus toma um texto e préga a paciencia. — Herbert.

A paciencia é o melhor remedio para a tribulação. — Paulo.

Ser paciente é uma parte da justiça. — Marco Antonio.

BRINQUEDOS E JOGOS

CONCURSO BIBLICO

NUMERO 3

Letras de palavras biblicas

```
      S        P           M
   ?  ?     ?  ?         ?  ?      ???????
  ?    ?  ?     ?       ?  ?       N
 ?      ? ?      ?     ? O ?       ????
?        ?        ?   ?     ?      R
                   ? ?       ?     ???????
```

Nas quatro pernas do M, de cima para baixo:

1—Nome primitivo do Apostolo dos gentios.

2—Nome de um criado, a quem Pedro comprar o Dom do Espirito Santo.

3—Um apostolo que por trez vezes negou a Christo.

4—Nome do Apostolo dos gentios.

Nas duas pernas do A(de cima para baixo:

1—Nome de um evangelista.

2—Nome de um creado, a quem Pedro cortou uma orelha.

Na letra E, se lerá:

Um crente que morreu por haver mentido.

Um discipulo de Jesus, irmão de Pedro.

Autor do universo.

Nome do primeiro martyr do christianismo.

NUMERO 4

Proverbios a completar

1—Filho meu, ... de teu pae, e ... . tua mãe.

2—... sejas sabio a teus ....: teme ao Senhor e .... mal.

3—O justo .... vida dos seus .... mas as .... dos impios ... crueis.

4—Quanto melhor . ... sabedoria ..... . oiro! .... mais excellente .... prudencia ..... . prata.

5—Dá-me .... o teu coração, ... os meus caminhos.

DEDOS DE PAU

Em dia de chuva as crianças ficam presas em casa sem poder brincar no jardim. Como é cacete isso! Vou ensinar-lhes um brinquedo novo para essa occasião.

Uma menina fica de olhos vendados, sentada em uma cadeira, e, com duas colheres de pau nas mãos. A colher de pau com que a mamãe bate bolo serve bem. Chega uma menina ou um menino e ajoelha-se na frente da cadeira como se vê na figura. A menina, com as colheres de pau, tem que apalpar quem está na sua frente, e dizer quem é. Parece facil, mas vão ver que levará bem tempo até ella poder acertar. A pessôa que estiver para ser reconhecida deve ficar muito quieta; não falar, não rir, nem se mexer.



E' bom tomar cuidado em não bater as colheres com força, e quem tiver oculos deve tiral-os antes do brinquedo.

a 3 billiões de libras. Um quinto desta producção annual vem da America do Sul, principalmente da bacia do Prata; quasi a mesma quantidade da Australia; um sexto da Asia e Africa; um terço da Europa; e um nono, da America do Norte.

Os carneiros são geralmente tosqueados uma vez por anno. O methodo antigo de tosquear com tesoura foi melhorado por machinas. Este é mais pratico e não esperdiça tanta lã, pelo facto de poder chegar bem perto do corpo do animal.

O comprimento da lã varia de 2 a 32 cms.

Os véllos são postos em fardos que contém cerca de 400 libras e transportados para os centros de lã, onde são vendidos.

Chegando ás fabricas a lã está gordurosa e suja. Não póde ser desfeita em fios emquanto as impurezas não forem retiradas.

O processo é dividir os véllos em differentes classes e pol-os num tanque com agua quente, onde deve ser lavada com sabão e preparados chimicos. Passa depois por uma serie de tanques com agua fria, sendo levada de um para outro por meio de forquilhas. Depois desse processo é necessario que se lhe ajunte algum oleo para tornar facil a fiação.

Apezar de ter sido a lã cuidadosamente lavada, póde ainda conter diversas impurezas, que foram adquiridas, emquanto o animal pastava.

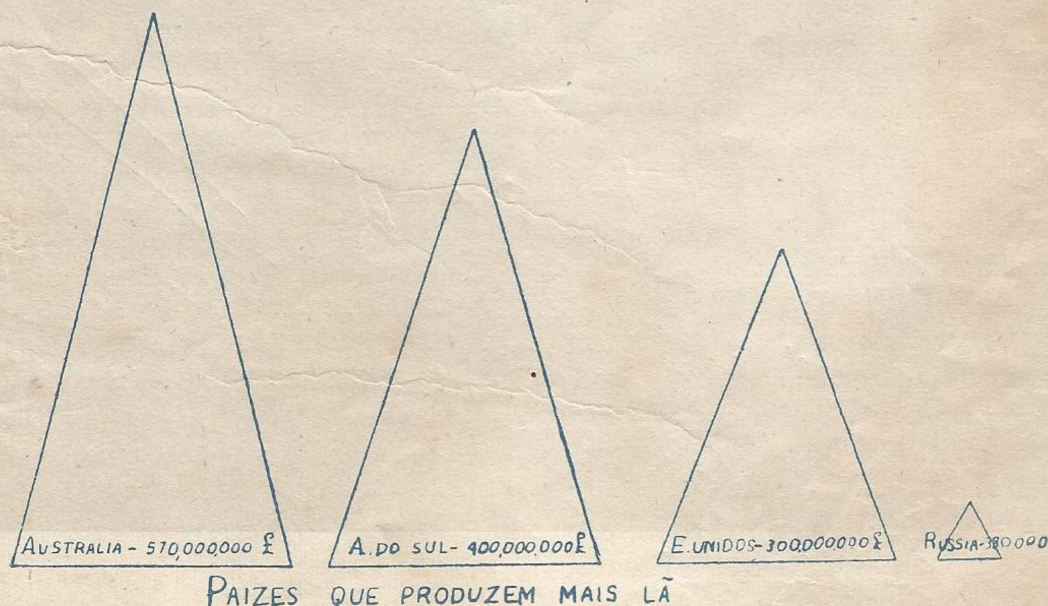
Estas devem ser retiradas para não prejudicar a lã. Usa-se para isto uma machina especial e tambem um processo chimico—carbonização—para retirar todas as impurezas. A lã é immersa numa solução fraca de acido sulphurico e então seccada a uma temperatura de 75.º c. A materia vegetal reduz-se a pó e é facilmente removida, deixando preparada a lã para o primeiro processo de tecelagem.

Entre os antigos, os methodos de trabalhar a lã consistiam em limpal-a, escolhel-a, cardal-a e fial-a depois á mão. O tear era muitissimo simples e grosseiro, porém, manejado destramente como era, produzia tão finos tecidos que talvez excedessem aos de hoje.

Durante muitos annos foi a manufactura de lã uma industria domestica. Mas, com as invenções mecanicas do seculo XVIII, passou para o regimen moderno das grandes fabricas.

Raras vezes a lã pura é usada para tecidos; porque, quando isto acontece, seu preço se torna exorbitante e o material não seria sufficiente para vestir a todos. A lã é portanto misturada antes de ir para a machina de pentear.

Os productos usados na mistura para diminuir o preço do material são lãs remanufacturadas e varias outras como



sejam trapos de lã, que, triturados e lavados, estão promptos para a mistura. O algodão é tambem usado para este fim.

A lã póde ser tinta quando crúa ou quando já tranformada em tecido. Ella absorve a tinta immediatamente, com mais facilidade que o algodão e o linho, tornando a superficie da fibra de uma côr uniforme.

Nossos antepassados eram habeis na arte de tingir com vegetaes. Hoje é muito usado o producto de alcatrão, que dá á lã diversas côres.

Depois de tecidos, os materiaes são inspeccionados. O examinador corta as extremidades atadas pelo tecelão, marca os logares que devem ser emendados e manda para o quarto de remendos. E' este um trabalho que requer muita habilidade.

Depois de ser o tecido lavado, é esticado para seccar, passando em seguida por um processo que o torna felpudo.

A lã é usada especialmente para vestuario.

Os paizes que manufacturam mais lã são: Inglaterra e Estados Unidos.

Os que importam mais o artigo manufacturado são: Russia, Dinamarca, Hespanha, França e todos os paizes Sul Americanos.

Apezar de a industria de lã brasileira estar em começo, já existem algumas fabricas, sendo as principaes as do Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Oxalá que, breve, posamos ver, em nossa Patria, não sómente o progresso desta industria, mas de todas as outras.

Jenny Machado.

(Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".)

A Chamada de mais um Grande Chefe

No mez de Agosto, todas as nações civilizadas do mundo estiveram de lucto.

Do Oriente ao Occidente, de um polo ao outro, todas as bandeiras fluctuaram a meio pau, demonstrando ao povo americano que o mundo inteiro sympathisava com a sua tristeza de perder o seu grande chefe nacional, Mr. Warren G. Harding.

Este grande politico e estadista fallecido, nasceu em uma fazenda, perto da aldeia de Brooming Grave no Estado de Ohio, a 2 de Novembro de 1856. Seu pae, George Harding, era um medico da roça, descendente de familia escoceza e sua mãe era de origem hollandeza. Pobre, o jovem Harding, até aos 14 annos, precisava repartir o tempo, entre os estudos na escola de sua aldeia e o duro mistér de vaqueiro. Posteriormente, vencendo sacrificios enormes, conseguiu matricular-se no "Central College of Iberia", de Ohio, onde, redigindo um jornal do collegio, revelou decidida vocação para o jornalismo, profissão que, mais tarde, havia de fazêl-o famoso. Entretanto, sem recursos, era obrigado, constantemente, a interromper os estudos. Para se instruir teve que acceitar os empregos mais penosos e humildes. E' assim que foi ceifador, vendedor de jornaes, nivelador de rua e ajudante de pintor. Aos 17 annos foi mestre escola em uma aldeia e finalmente conseguiu emprego em um jornal como distribuidor de provas. No jornal foi typographo, emendador, tabellista e impressor.

Em 1884, passando a familia Harding a residir em Marion, Warren conseguiu adquirir um jornal: "The Star", que foi com effeito, a sua boa estrella. Estava realizado o seu sonho. Mas a politica seduziu o jornalista. Poucos annos depois foi eleito senador estadoal, e mais tarde, senador federal, por seu Estado.

Finalmente, a 4 de Novembro de 1920, foi eleito presidente da Republica. Neste glorioso posto a morte o veiu colher no dia 2 de Agosto p. p.

A Historia do Concurso



OS DOIS CHINEZINHOS

Ha muitos annos, quando, talvez nem os nossos avós existiam, vivia na China uma familia cheia de paz e alegria, apezar de serem pobres. Eram pescadores. Moravam no mar. No mar?! Estou vendo a cara espantada de alguns amiguinhos... No mar, sim, digo outra vez, mas não pensem que isto é um conto de fadas...

Aqui vou fazer um pequeno parenthesis, para explicar-lhes porque habitavam no mar. A China é um grande paiz da Asia. Seus habitantes são todos de côr amarella. Já viram um chinez ou mesmo um japonez? Creio que todos vocês já viram. Notaram a sua côr? Os seus olhos obliquos? Como são baixos? Creio que já observaram tudo isto.

Pois apezar da China ser um paiz tão grande, não tem territorio para todos os seus habitantes morarem. Então, estes fazem uns barcos bem feitos, e moram no mar. Muitos nascem, vivem e morrem nestes barcos. Alimentam-se dos peixes que pescam e do arroz que compram nas praias. Agora estão vendo porque aquella familia morava no mar.

Pois bem, esse lar era constituido de um casal e de dois filhos. Os dois meninos chamavam-se Yang e Tsi. Yang era pouco mais ou menos, um anno mais velho que seu irmão. Tinha quatorze lindas e rizonhas primaveras; era um menino forte, robusto, intelligente, muito bom, delicado para com todos, especialmente para com o seu irmão menor que era o seu cae-cae. Cuidava delle como si fosse sua verdadeira mãe. Tsi, o menor, era franzino, mas tinha um coração de ouro. Era uma perola. Yang, por ser mais velho e mais robusto, gosava de regalias que seu irmão menor não podia desfructar. Sabia nadar, e podia, de vez em quando, dar um passeio, sózinho, pela praia.

A's vezes, o barco de Tiang, pae dos meninos, afastava-se da costa e ia para longe pescar. Quando elles voltavam, vendiam e trocavam os peixes por roupas e alimentos, de preferencia o arroz e conservas.

Ao longe o barco que se chamava "Mand" e era um dos mais bellos, parecia uma graciosa gaivota, voando por cima das aguas.

E assim o tempo ia passando...

Um tarde, o pae resolveu ir fazer uma pescaria em alto mar.

—Papae, observou o Yang, o ceu está se encobrindo. Grossas e pesadas nuvens pretas correm no horizonte. Parece que antes da noite teremos tempestade. Talvez será melhor adiarmos a pesca para amanhã. Temos alimento para hoje e amanhã .

O pae, homem experimentado, olhou para o horizonte e disse:

—Qual! Hoje não haverá nada; poderemos ir sem receio.

Eram mais ou menos tres horas da tarde.

O barco afastou-se. Já estava muito longe do ancoradouro, quando lufadas impetuosas de vento começaram a açoitar o braco e a afastal-o do posto de salvação.

Grossas montanhas de nuvens, cujo fundo côr de terra, rodeada de uma crespa fimbra prateada, começaram a erguer-se no Oeste. Os trovões augmentaram gradualmente e, ás cinco horas da tarde, soprou despropositado vento do Sul de tal modo que parecia querer virar o barco. Os raios no ar cruzavam-se tanto, que formavam como que uma aboboda de fogo, illuminando o negru-

me do ceu. Enormes ondas elevavam-se á grande altura, vindo cahir em cheio no barco. Relampagueava e chovia a cantaros. Parecia que, usando a expressão biblica, tinham-se aberto as cataractas do ceu. Era um espectaculo medonho e assustador. O impeto dos ventos agitava com furia de demonios, as aguas do oceano, e jogava as ondas sobre o barco, lançando lugubres gemidos que se escutavam nos intervallos das rajadas do vento. Immensas vagas batiam na branca areia da praia, e alli se quebravam espumosas.

Tiang e os seus estavam firmes no seu posto. O pae estava no leme. As vellas estalavam-se tanto, que pareciam querer quebrar-se.

De repente, o barco vae de encontro a um cascalho e enorme rombo fez-se no casco. E, como si não bastasse essa catastrophe, enorme vaga bate no infeliz barco.

Então, uma scena horrivel se desenrolou aos olhos de quem pudesse contemplar semelhante espectaculo.

Tiang, vendo que estavam perdidos, reuniu toda a familia. Esperavam resignados a morte. Desejavam morrer juntos. O pae animava os outros e estava junto á mulher. Tiang e Tsi estavam abraçados.

Em dado momento, enorme onda bateu de cheio no barco, quebrando-o todo. Todos cahiram na agua. A tempestade parecia redobrar. Yang e Tsi agarraram-se a uma taboa.

A furia do oceano acalmou-se. Um relampago sulcou os ares, e as crianças viram, ao longe, um vulto com os braços levantados, e ouviram uma vóz angustiosamente dizer: "Meus filhos!" e desapparecer. Era a mãe.

Yang sabia nadar e, com o auxilio da taboa, conseguiu depois de algum tempo alcançar a praia com seu irmão. Nada sabiam dos seus paes. A tempestade tinha se acalmado. Devido á escuridão, não foram vistos por pessoas de outros barcos.

Tsi chorava. Seu irmão o consolava.

—Não chores, dizia elle, havemos de achar nossos paes. Não temas.

Eram mais ou menos duas horas da madrugada. Andaram pelas ruas desertas, e não acharam um abrigo sequer. Sentaram-se na estrada e alli Tsi encostou-se em Yang para descansar. Este poz-se a pensar nos seus paes até que, vencido pela fadiga, descansou a cabeça na mão, e ambos adormeceram.

Naquelle dia, pelas seis horas da manhã, foram os dois encontrados nessa posição. Foram levados ás auctoridades e lá contaram a sua triste historia.

Seus paes haviam perecido.

As auctoridades, commovidas, mandaram internal-os em um collegio publico.

Assim começaram nova vida, estudando muito para que, um dia, pudessem ser uma bençam para sua Patria, elles que já sabiam o que era a miseria, e que já tinham passado por pedaços bem tristes.

J. E. F.

(Um Amiguinho do "Bem-Te-Vi").
Cidade de São Paulo.

UMA RESPOSTA INESPERADA

O pastor João Camargo não deixava de ter suas boas qualidades, embora fosse um tanto rustico e gostasse de fumar.

Um dia, foi apanhado, na rua, por uma forte chuva, e resolveu refugiar-se numa pequena casa que ficava proxima.

Ao bater á porta, assomou á janella uma mulher, já edosa, e de aspecto astuto, a qual lhe perguntou o que desejava. O Sr. João Camargo respondeu que procurava um abrigo contra a chuva.

—Mas eu não vos conheço—disse a velha, um tanto desconfiada.

O pastor retorquiu:

—Lembrae-vos do que dizem as Escripturas Sagradas:

"Não vos esqueçaes da hospitalidade, porque, por ella, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos."

—E' escusado citar isso—tornou a velha, com vivacidade—porque um anjo não viria cá com um charuto na bocca.

E, dizendo estas palavras, bateu-lhe a janella na cara.

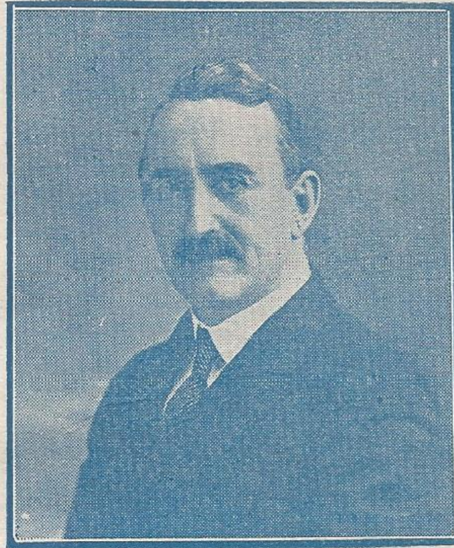
NOSSA VISITA

Raramente os pequenos gosam o direito de conhecer os grandes. Entretanto elles, ás vezes, são favorecidos pela presença dos grandes que lhes vêm conceder este prazer e honra.

Quando assim acontece e sabemos que com nobreza de coração vêm estudar os nossos pequenos problemas e com sua larga experiencia nos prestar seu auxilio, somos gratos e nos regosijamos com a nossa grande fortuna, e da nossa alma lhes damos o sincero "Bemvindo" aos nossos corações e aos nossos lares.

Dr. Pearce! Nós agradecemos por terdes vindo ao nosso Brasil, ao nosso São Paulo e vos asseguramos que sois bemvindo, pois sabemos que viestes respondendo ao nosso appello "vinde nos ajudar".

Que o Pae de todas as nações vos enriqueça com suas infinitas bençams durante toda a vossa vida de serviço em sua honra. Mais uma vez eu digo, nós dizemos:—"Bemvindo sejaes, mui cordialmente, bemvindo, bemvindo!"



DR. W. C. PEARCE
Secretario da Associação Mundial das Escolas Dominicaes.

Na grande reunião das Escolas Dominicaes de São Paulo, em 29 de Julho ultimo, o nosso amigo, Dr. Pearce, nos narrou muita cousa interessante sobre a Escola Dominical em todo o mundo. Fez uma comparação entre as Escolas Dominicaes e um grande e poderoso exercito. Disse que Jesus Christo é o nosso Capitão; a Palavra de Deus é a arma que os soldados usam para combater contra as forças de Satanaz; o campo da batalha é o mundo inteiro; os homens e as mulheres, os meninos e as meninas, e até as menores crianças são convidados a alistar-se neste grande exercito.

Ha, nas Escolas Dominicaes em todo o mundo, 32 milhões de membros, dos quaes, mais ou menos, 75.000 no Brasil.

Na linda manhã de 29 de Julho, mais de 4.000 membros das Escolas Dominicaes, na cidade de São Paulo, tiveram o privilegio de saudar o Dr. Pearce e ouvil-o sobre o grande trabalho da Escola Dominical no Brasil e em todos os outros paizes do mundo.

"Temos todos opportunidade de entrar na Escola Dominical e guerrear contra o analphabetismo espiritual."

UMA LINDA CASCATA

Num bello sabbado, em que a natureza convidava a passear, tres amiguinhos do "Bem-Te-Vi" fizeram uma excursão da cidade de São Paulo até Santos. Foram pela estrada de rodagem e no caminho viram uma cascata tão linda que um delles tirou uma photographia, com a sua machina "Kodak".

Elle lembrou-se de offerecer essa photopographia ao "Bem-Te-Vi" e ficámos muito contentes de estampal-a na nossa capa.

Os outros amiguinhos do "Bem-Te-Vi" podiam seguir o exemplo deste menino, enviando-nos photographias tiradas nos seus passeios e acompanhal-as de uma pequena descripção.

FLORENCE NIGHTINGALE

CAPITULO IV

O ANJO DA CRIMÉA

Quando o grupo de enfermeiras chegou a Scutari, não foi bem recebido pelos medicos e officiaes do exercito, pois não faziam idéas muito boas das enfermeiras e não gostavam que o hospital tivesse por chefe uma mulher.

Mas quando viram Florence, com seu vestido preto e touca branca, e perceberam a sua força e a sua coragem, os seus preconceitos desappareceram e sentiram os seus corações se animarem.

Florence encontrou o hospital em misero estado: ratos, piolhos e persevejos existiam em abundancia; não havia logar que se pudesse chamar cozinha; os soldados tinham de se submetter á sujeira, pois roupa lavada não era possivel de se obter.

Os trens despejavam os feridos, mortos e moribundos que eram levados para o hospital e collocados nas camas, nos colchões, no assoalho, ou no chão lamacento, em qualquer lugar. Os corredores ficavam cheios de soldados feridos, ás vezes, collocados, uns em cima dos outros.

Deante desse espectaculo desanimador, Florence mostrou-se de uma coragem inaudita, dando as suas ordens com calma e auctoridade. A sua presença nas operações que eram feitas sem chloroformio, era de grande auxilio.

Depois da chegada de Florence, os enfermos foram agradavelmente surprehendidos com canja de gallinha, geléa, chá e bolachas, pois ella tinha trazido, no navio, uma grande provisão de alimentos, bebidas, chicaras, pires, colheres, fios de ligaduras, emplastos, dez mil camisas para homem, fogões e outros utensilios.

No fim de uma semana, arranjou-se uma cozinha e foi aberta uma lavanderia; por toda a parte reinava a limpeza.

Nos primeiros dias terriveis, Florence permanecia á entrada do hospital, recebendo os soldados, dando ordens e assistindo a operações melindrosissimas.

Muitas vezes, pedia aos medicos que a deixassem cuidar de algum caso, considerado perdido. Então, passava as noites perto do doente, vigiando-o com solicitude e assim salvou a vida a muitos.

A' noite, ás vezes, os soldados feridos viam Florence atravessar as enfermarias, com uma pequena lampada na mão, abaixando-se para examinar este doente, para consolar aquelle ou para cobrir aquelle outro. E muitos soldados beijavam a sombra da "Dama da lampada".

Florence reconhecia que a provisão, que tinham trazido, pouco tempo duraria, por isso escreveu cartas para as suas amigas e para pessoas de posição, na Inglaterra. De modo que, com o dinheiro mandado, pôde supprir os soldados de muitas cousas de que necessitavam.

Mas o inverno trouxe comsigo soffrimento e doenças. A cholera, o typho e a dysenteria devastaram os acampamentos. O typho logo atacou as enfermeiras e os medicos, de modo que Florence tratou de muitos dos seus ajudantes, assistindo á morte de alguns.

Felizmente, o seu organismo, embora fragil, escapou da terrivel doença e, passada a epidemia, foi visitar os hospitaes da Criméa, que estavam sob os seus cuidados.

Alguns dias depois, espalhou-se a triste noticia de que "o Anjo da Criméa" se achava gravemente enfermo. O paiz inteiro se cobriu de tristeza e os enfermos choravam por aquella, por quem, de boa vontade, dariam as suas vidas.

Mas Deus não quiz leval-a ainda, o seu trabalho não estava terminado. As enfermeiras tiveram a alegria de vel-a melhorar e partir para Scutari, onde fi-

ceu até 1856, quando a paz se estabeleceu.

Florence não quiz voltar á sua Patria, até que todos os hospitaes se fechassem e até que o ultimo soldado deixasse aquelles logares de soffrimentos. Então, ella mandou levantar uma grande cruz de marmore branco, no alto de Balaklava, em memoria aos corajosos soldados e ás enfermeiras que ahi morreram, no desempenho de sua santa missão.

Afinal resolveu partir e, para evitar demonstrações por parte do povo agradecido, tomou um nome differente e viajou na companhia de uma amiga; desse modo chegou a Lea Hurst, sem ser reconhecida.

Nesse tempo a rainha da Inglaterra já lhe tinha enviado uma bella Cruz de São Jorge, coberta de pedras preciosas, com uma faixa preta, onde se liam as seguintes palavras: "Bemaventurados são os misericordiosos."

Mas o povo não podia permittir que Florence se estabelecesse no seu antigo lar, sem lhe fazer alguma manifestação de agradecimento. Então uma commissão, composta dos homens mais importantes da Inglaterra, resolveu levantar subscripções para fazer uma offerta de dinheiro a Florence.

Em pouco tempo "A Amiga dos Soldados" recebeu a quantia de 50.000.000 de libras esterlinas, dadiva que a commoveu muito, mas, visto não necessitar desse dinheiro, propoz que o doassem ao hospital de São Thomaz, em Londres, para que fundassem—uma Escola de Enfermeiras.

Assim foi construido o "Lar Nightingale", onde se encontra uma bella estatua de Florence, vestida simplesmente de enfermeira e carregando na mão uma pequena lampada.

Além desse dinheiro, Florence ganhou muitos presentes. Até o Sultão da Turquia presenteou-a com uma bellissima pulseira de diamantes, antes de ella se retirar de Scutari.

(Continúa).

Velhas Arvores

Olha estas velhas arvores,—mais bellas,
Do que as arvores moças, mais amigas,
Tanto mais bellas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procellas...

O homem, a féra e o insecto á sombra dellas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E a alegria das aves tagarellas...

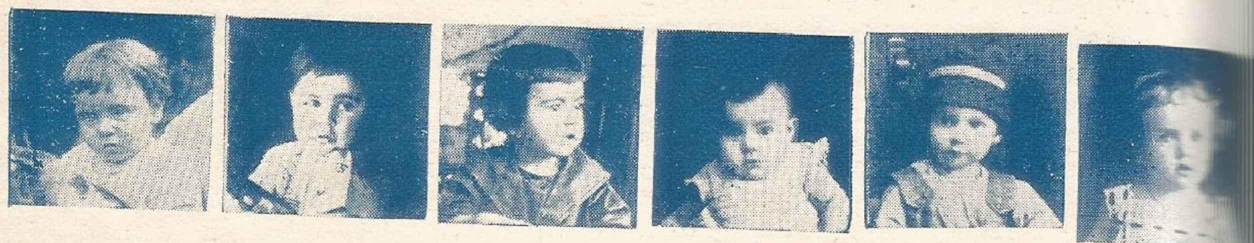
Não choremos jámais a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem,

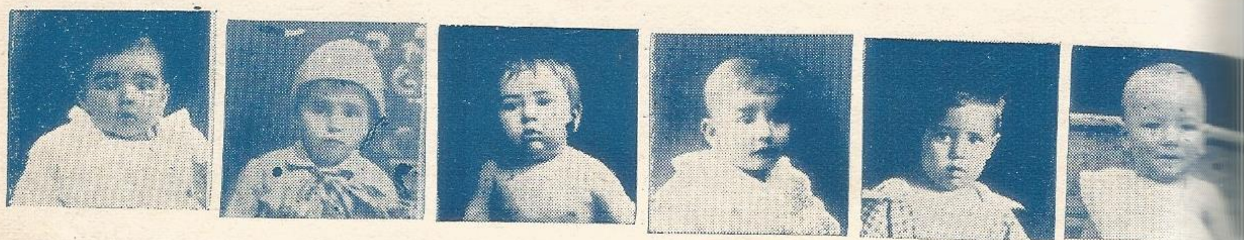
Nas glorias da alegria e da bondade,
Agasalhando os passaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac.

Nos







































Conforme noticiamos pelas varias circulares expedidas a respeito deste Concurso, estampamos
Ao centro, foram collocados os clichés das crianças que obtiveram os tres primeiros logares,
Lamentamos, sinceramente, que as condições de algumas photographias, ou melhor, a deficien nos foram enviadas e que deixam de figurar na Galeria, muito contra a nossa vontade.

Reiteramos a todos os que attenderam ao nosso convite a expressão dos nossos sinceros agra

Os resultados alcançados, muito nos animam para novas tentativas neste genero de trabalho,

guinhos



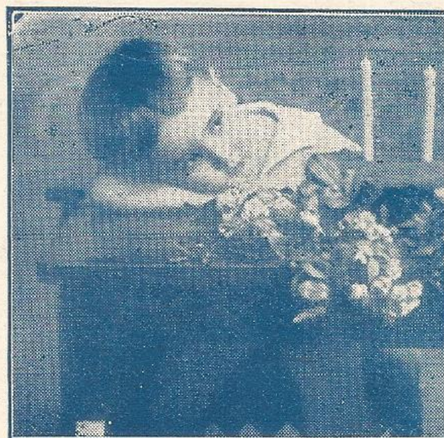
















ria de [redacted] crianças que concorreram ao mesmo.
feita pelos professores das escolas dominicaes desta Capital, no dia 28 de Julho p., p.
de algumas, não permittissem a sua reproducção em clichés, o que nos obrigou a supprimir muitas das que

a infancia de nossas escolas e egrejas.

São Paulo, 6 de Agosto de 1923.
Harold C. Buswell. Secretario.

O Passeio Aereo do Tico Caxinguelé

—Olhe, olhe lá para cima, Tico! gritava a mamãe Caxinguelé, da porta de sua confortavel casa de bambús, ao ver lá no alto do ceu o pilharengo Gavião a rondar as cercanías.

Mas qual! tarde chegaram suas palavras porque, num abrir e fechar dolhos, já Mestre Gavião deitára a unha ao innocente caxinguelézinho que dormia a sésta num logar illuminado pelo sol.

—Soccorro! Soccorro! gritava ao ser levantado do solo, sentindo agudas garras a espetarem-lhe os flancos. Soccorro! Soccorro!

—Cale a bocca, bobinho! Pois você não sabe que não lhe quero fazer mal algum? Faça de conta que está dando um passeio de áereoplano... disse Mestre Gavião com um sorriso ironico. E, sem se importar com os gritos do pobre Tico, levou-o para o alto, bem para o alto, até a copa ridente de um ipê florido. Estremeceu de horror o Caxinguelé, pois fôra ahi mesmo, segundo corria, que o ladrão déra cabo do Rato do Matto e de Camillo Esquilo...

Vendo proxima a hora da morte, Tico Caxinguelé resolveu fazer um esforço desesperado. Reunindo todas as suas forças começou a se debater heroicamente entre as possantes garras da ave de rapina, até que conseguiu livrar-se. Comtudo não pôde salvar alguns punhados de pello que lá ficaram seguros ás unhas do Gavião.

E Tico Caxinguelé, agora livre, foi cahindo, cahindo, passou por entre a ramagem de uma arvore que lhe amorteceu a quéda e o livrou de ser visto e novamente apanhado pelo rapinante.

Chegando ao solo, viu deitado um tronco ôco. Correu para elle e alli installou-se até que Mestre Gavião abandonou aquellas paragens.

Emquanto isso, mamãe Caxinguelé andava desesperada, sem saber o que fôra feito do Tico. E chorava, chorava, não dormia, nem comia desde que o pequeno desapparecêra. Debalde papae Caxinguelé, deitando-lhe o braço ao redor do pescoço, tentava consolar a mulher. Qual o que! Não havia consolação possivel!

Um dia, emquanto tristemente da porta de sua cabana de bambús assistiam ao pôr do sol, viram vir vindo, vir vindo... quem? Ora, quem seria? Tico Caxinguelé! Vinha elle vindo devagar e manquitolando.

—Oh! Tico, meu Tico! gritou mamãe Caxinguelé atirando os braços ao redor do pescoço. Onde você andou, meu filho?

—Oh! Tico! exclamou papae Caxinguelé.

—Ih! vocês nem imaginam! Corri um **perigão!** disse Tico, começando a contar a aventura que lhe succedêra. E no fim, para rematar, gracejou: mas... apesar de tudo, valeu a pena. Parecia mesmo que eu estava andando em aeroplano...

—Sim, mas num aeroplano que, no fim, o havia de matar e devorar, disse mamãe Caxinguelé.

E agora, alegres e contentes, os tres entraram na sua confortavel casa de bambús.

PEDRAS PRECIOSAS

Mez de Setembro — SAPHIRA

A saphira, que é a pedra das pessoas que nascem em Setembro, é usada nas corôas reaes.

E' muita apreciada pela sua linda côr azul, ora mais escura, ora mais clara. Esta é, geralmente, a sua côr, mas ha tambem saphiras brancas e até amarellas.

A saphira, como o rubi, é composta, especialmente, de uma substancia chamada alumina.

Faz mais vista, de dia, do que á noite.

A ilha de Ceylão, na India, é afamada pelas saphiras que ahi existem.

A saphira do Brasil é a turmalina azul.

A significação da saphira é—verdade e virtude.

RIP VAN WINKLE

A bella lenda americana do homem que dormiu durante vinte annos. ::

(Será publicada em cinco partes.)

Quem quer que tenha viajado pelo Hudson acima, deve recordar-se dos Montes Kaatskill. Elles constituem um ramo deslocado do grande grupo dos Apalaches, e são visiveis ao oeste do rio, erguendo-se a uma altura respeitavel, e dominando-o por toda a região circumvizinha. Toda a mudança de estação, toda a variação de tempo, e na verdade, cada hora do dia produz alguma transformação nas côres e contôrnos magicos destes montes, que são considerados por todas as boas donas de casa do paiz, como barometros perfeitos.

Quando o tempo está bonito e firme, elles se revestem de ouro e purpura, e imprimem seus perfis ingremes no claro ceu da tarde; mas ás vezes, quando o resto da paizagem está desannuviado, elles deixam formar-se um veu de névoas acizentadas em redor dos seus apices, os quaes, ao luzir dos ultimos raios do sol agonizante, dardejam e resplandecem como uma corôa de gloria.

Ao pé destes montes encantados, o viajante póde avistar, ao longe, elevar-se em espiraes, o fumo leve de uma aldeia, cujos tectos de madeira brilham entre as arvores, justamente onde as tintas azues do planalto se desfazem no verde fresco da paizagem mais proxima.

E' uma pequena aldeia de grande antiguidade, tendo sido fundada por algum dos colonos hollandezes, nos primitivos tempos da provincia, alli pelo começo do governo do bom Pedro Stuyvesant (que descance em paz!) e lá havia, ainda ha annos, algumas das casas dos antigos habitantes, construidas de pequenos tijolos amarellos trazidos da Hollanda, de janellas de rotulas, telhados com beiraes compridos, tendo na cumieira o gallo que indicava a direcção do vento.

Naquella mesma aldeia e numa daquellas mesmas casas (a qual, para dizer a verdade, estava miseravelmente gasta pela sua longevidade e estragada pela acção corrosiva do tempo), viveu ha muitos annos passados, ainda quando o paiz era uma colonia da Inglaterra, um homem de indole simples e boa, cujo nome era Rip Van Winkle. Era um descendente de Van Winkle, que brilhou nos dias de gala de Pedro Stuyvesant, e o acompanhou no cerco da fortaleza Christina. Rip herdou, todavia, pouco da indole marcial dos seus antepassados.

Pude observar que elle era um homem simples e affectuoso; era, além disso, um bom vizinho e um docil marido, sujeito á mulher. Realmente á ultima circumstancia se podia attribuir aquella docilidade que lhe grangeou tão grande popularidade; porque os homens que estão no lar, sob a disciplina de mulheres de máo genio, fóra delle estão mais aptos para ser affaveis e conciliadores. Sua indole, sem duvida, torna-se meiga e malleavel na fornalha abrasada das tribulações domesticas, e uma reprehensão da mulher, em particular vale por todos os sermões do mundo para ensinar a virtude da paciencia e resignação. Uma mulher turbulenta póde, por essa razão, a alguns respeitos, ser considerada como uma bençam toleravel, e se assim é, Rip Van Winkle era triplamente abençoado.

E' verdade que elle era um grande favorito de todas as boas mulheres da aldeia, as quaes, como é de habito do bello sexo, tomavam parte em rixas de todas as familias, e nunca deixavam de, sempre que tratavam de taes assumptos nas suas tagarelices da noite, descarregar toda a culpa sobre a senhora Van Winkle. As crianças da aldeia tambem gritavam de alegria, todas as vezes que dellas se approximava o nosso Rip. Elle as ajudava nos seus jogos, inventava-lhes brinquedos, ensinava-lhes soltar papagaios e jogar as bolas, e contava-lhes longas historias de phantasmas, feiti-

ceiros e fakirs. Todas as vezes que elle andava perambulando pela aldeia, era assediado por um grupo dellas, que se dependuravam á aba do seu paletot, trepando-lhe pelas costas, e fazendo com elle mil travessuras, impunemente. Nem um rafeiro havia na aldeia que tivesse a coragem de o importunar com os seus latidos.

A grande falha no caracter de Rip era uma insuperavel aversão ao trabalho util, fosse qual fosse a sua natureza. Isso não se podia attribuir a falta de assiduidade e perseverança, porquanto elle era capaz de, sentado sobre uma pedra humida e empunhando uma vara tão comprida e pesada como a lança de Tartaro, pescar o dia todo silenciosamente, ainda mesmo sem o estimulo de uma puxadela no anzol. Elle costumava levar ao hombro uma espingarda durante horas seguidas, afadigando-se pelas florestas e pantanos, subindo morros e descendo valles, para matar alguns esquilos ou pombos silvestres. Não era capaz de recusar seu auxilio a um vizinho, mesmo no mais rude trabalho, e era o primeiro a apparecer em todas as festas do lugar para a esbrugação do milho da India ou para a construcção de muralhas de pedra. As mulheres da aldeia tambem costumavam occupál-o em seus recados e para fazer pequenos serviços eventuaes que seus maridos, menos serviçaes, não lhes prastavam. Em uma palavra, Rip estava sempre prompto a dedicar-se ao trabalho de quem quer que fosse, menos ao seu proprio, pois cumprir o seu dever de chefe de familia e trazer a sua chacara em ordem, isso lhe parecia cousa impossivel.

Effectivamente, elle confessava que em sua propriedade o trabalho não estava em uso; aquelle era o pedaço de terra mais insalubre de toda a região; tudo alli ia mal, e iria, não obstante a sua pessoa.

Os seus muros estavam constantemente cahindo aos pedaços; a sua vacca costumava extraviar-se ou invadir as hortas; plantas damninhas cresciam nos seus campos mais rapidamente do que em parte alguma; a chuva parecia propositalmente escolher o ponto em que elle tivesse de fazer um trabalho ao relento, para alli se desencadear; de modo que, comquanto sua propriedade decahisse sob sua direcção, a tal ponto que nella não havia mais do que uns restos de milho e batatas, ella era, effectivamente, a peor de todas as chacaras de toda aquella circumvizinhança.

Seus filhos eram, da mesma fórma, tão maltrapilhos e incultos, que pareciam gente sem dono. Seu filho, Rip, um ouriço gerado á sua propria semelhança, promettia herdar, com as velhas roupas, os habitos do seu progenitor. Viam-no geralmente nos calcanhares de sua mãe a marchar como um poldro, com as suas gambias mettidas nuns calções rotos que foram do seu pae, e que elle conservava suspensos, com bastante difficuldade, segurando-os, como faz uma senhora faceira em dia de chuva com a cauda do seu vestido.

Rip Van Winkle, todavia, era um daquelles felizes mortaes de disposições estupidas e frouxas, que fazem a vida facil e que comem, indifferentemente, pão fresco ou pão velho, o que quer que lhes venha á mão com menos difficuldade e incommodo, e que preferem perecer por falta de um vintem a luctar por dois mil réis. Abandonado a si mesmo, elle seria capaz de passar a vida inteira a assobiar com inalteravel contentamento; sua mulher, no entretanto, estava incessantemente atormentando os seus ouvidos, objurgando-lhe a indolencia, o relaxamento e a ruina que estava causando á familia.

De manhã, á tarde e á noite, sua lingua tinha sempre o que fazer, e o que quer que elle fizesse ou dissesse, tinha a virtude de produzir uma torrente de eloquencia domestica. Rip tinha um unico meio de responder a todos as dissertações desse genero, as quaes se tinham convertido, pelo seu fraquente uso, num habito. Elle encolhia os hombros, meneava a cabeça, levantava os olhos, mas não dizia uma palavra.

(Continúa).

SALVA O BRASIL

BENEDICTO ARANHA

Samuel Cesar.



1 Nosso Deus, nós te pedimos
Que concedas bençams mil
Ao paiz em que nascemos:
—Salva os filhos do Brasil!

2 E' tão bella a natureza,
E' tão lindo o céo de anil
Destas plagas brasileiras:
—Salva os filhos do Brasil!

3 Abençoa os que governam,
Pela paz, ordem civil,
Cooperando resolutos:
—Salva os filhos do Brasil!

4 No trabalho que emprehende,
Industrial ou pastoril,
Abençoa a nossa gente,
—Salva os filhos do Brasil!

5 Oh! Recebe em teu regaço,
Faze grande e varonil
A brasilea gente nossa;
—Salva os filhos do Brasil!

6 E, depois de convertido,
Sem temer perverso ardil
Que o maligno armar intente,
Ficará salvo o Brasil!

A GULA, PECCADO DE TODOS NO'S

PUDIM DE PÃO

Pão velho. Leite que dê para cobril-o. 4 colheres de sopa de assucar (55 grs.). 2 claras. 2 gemmas desmanchadas em um pouco de leite. 2 chicaras de passas (650 grs).

Põe-se o pão em uma vasilha, e cobre-se bem com o leite e deixa-se até ficar molle. Mistura-se depois com 2 gemmas desfeitas em leite e com as passas e adoça-se o sufficiente. Vae ao forno. Batem-se depois as claras com 4 colheres de sopa de assucar, cobre-se o pudim e vae ao forno para seccar.



PEQUENOS CIGANOS

CAPITULO VI

RESPONSABILIDADE E INFLUENCIA

Papae gostava muito de musica; desde a sua infancia a rabeca era a sua companheira fiel e amada. Um dia, ao entrar, reparei que elle estava sentado, com a rabeca na mão, mas não tocava. Eu pedi que tocasse o novo e bonito hymno que apprendera na egreja quando foi convertido. Elle respondeu:

—Não, meu Bem, vou vender a rabeca.

—Oh, Papae, disse eu, não faça isso, meu irmão e eu queremos aprender a tocar.

Falando muito serio, elle continuou:

—Não, aquella rabeca já me causou bastante tristeza; muitas vezes me conduziu a casas onde não devia ir porque alli me encontrava com máus companheiros, alli cahi em tentação e tomava parte em conversas e vicios que não são convenientes a um filho de Deus. Essa rabeca estava me conduzindo para o inferno e eu não posso deixar que ella tenha a mesma influencia sobre os meus filhos.

A nossa rabeca velha e amada foi vendida!

Naquelle tempo morava perto um prégador chamado Sr. Varley. Quando elle soube das conversões dos tres irmãos ciganos, foi visital-os e offereceu uma tenda onde pudessem prégar o Evangelho. Isto lhes causou grande alegria e a tenda foi chamada "O Tabernaculo dos Ciganos". Não serviu sómente para egreja mas tambem para um collegio. Sr. Varley arranjou uma senhora para ensinar os filhos dos ciganos durante o dia, e, ás noites, alguns moços da egreja iam ao tabernaculo para contar e ler historias interessantes e proveitosas para os ciganos.

Papae e os seus dois irmãos começaram a prégar o Evangelho alli, mas depois foram prégar em muitos outros logares. Formaram uma companhia chamada "Irmãos Smith"; e resolveram a passar o resto da vida viajando juntos, prégando o Evangelho e ajudando os outros ciganos que nunca tiveram a opportunidade de conhecer a Jesus Christo. Os membros desta companhia eram unidos pelo vinculo do amor, um laço forte que nunca foi quebrado.

Muitas vezes foram convidados a prégar, não sómente entre os ciganos, mas nas cidades grandes para os "Gorgios", e sempre ia a companhia inteira. Si os tres não fossem convidados então nenhum acceitava o convite. Sr. William Booth, o fundador do "Exercito de Salvação", uma organisação religiosa que trata os seus membros de "Soldados" e que tem por unico fim a prégação do Evangelho e assim ganhar outros soldados para guerrear contra Satanaz, gostava muito da companhia "Irmãos Smith" e fazia muito para dar-lhes coragem e os auxiliava bastante. Os "Irmãos Smith" apreciavam os conselhos deste grande homem e nunca esqueceram que elle dizia que só podemos ser christãos alegres trabalhando todos os dias para honra e gloria de Deus. O Sr. Booth convidou os tres irmãos para prégar durante uma semana na cidade de Portsmouth. Acceitaram o convite e Deus os abençoou de tal maneira que muitos foram convertidos; e em vez de ficarem uma semana, prégaram alli dia e noite durante seis semanas. Para nós, crianças, que ficavamos sózinhos em casa sem mãe nem

pae, parecia seis annos. Finalmente, porém, disseram-nos que Papae voltaria certo dia. Desde as seis horas da manhã todos nós estavamos promptos esperando a sua chegada. Que dia comprido aquelle! Elle só chegou ás seis da tarde.

Papae era um christão tão sincero e amavel, e a sua vida christã em nossa casa era tão bella que a sua influencia levou todos os membros da famiila a Deus. A belleza do seu caracter simples e sincero manifestou-se mais em casa, com sua propria familia do que em qualquer outra parte. O resultado foi que, começando com o mais velho e descendo em ordem, segundo as edades, todos os seus filhos acceitaram a Jesus Christo. Quando os tres mais velhos que eu se tornaram christãos, minha consciencia começou a falar commigo dizendo que era o meu tempo de ser convertido e que eu sendo mais velho que Tilly, minha irmãzinha, ella não podia ter religião primeiro. Fiquei pensando muito nisso e senti **muita responsabilidade,** não sómente por mim mesmo, mas tambem por ella. Bem me lembro, justamente nesse tempo, uma occasião fomos juntos offerecer as nossas miudezas á Sra. Robinson, esposa do pastor de uma Egreja Baptista. Ella nos tratou bondosamente e sendo a vespera de Natal, nos deu 3 embrulhos para entregar 1 delles a cada uma das tres familias. Naturalmente tivemos curiosidade em saber o que continham os embrulhos. Como ficámos contentes achando tres pudins deliciosos e cheios de passas! Não resistimos á tentação de proval-os e depois, sabendo que não seria bonito levar para os nossos tios pudins partidos, sentámo-nos debaixo duma arvore e acabámos de comer os dois pudins inteiros. O outro nós levámos para nossa casa e o entregámos a Papae. Elle ficou muito satisfeito e todos gostaram tanto do pudim e não podiam entender porque Tilly e eu tinhamos perdido o appetite, não comendo pudins de passas... Mas até hoje não gostamos de comer pudins. Pensavamos que tudo tinha passado e que tinhamos escapado dessa, mas, não foi assim. Alguns dias depois titio estava na cidade e se encontrou com a Sra. Robinson. Ella perguntou si os seus filhos gostaram do pudim que lhes tinha mandado para o dia de Natal. Meu tio, com muita surpreza, disse que não recebeu o pudim. A bondosa Sra. Robinson pensou que com certeza não entendemos que os pudins eram um para cada familia dos irmãos ciganos. Quando titio voltou á casa, e falou com Papae, elle olhou para nós e immediatamente entendeu onde os nossos appetites estavam no dia de Natal. Nunca posso esquecer a angustia que havia nos olhos de Papae, quando elle olhou, não para minha irmãzinha, mas directamente até o fundo do meu coração, e a emphase com que elle explicou o meu peccado, a minha responsabilidade e influencia sobre Tilly. Até hoje está bem gravada na minha memoria como si tivesse sido escripto alli hontem. Daquelle dia em diante o meu desejo mais sincero era ser um christão firme e fiel e não uma pedra de tropeço para fazer Tilly cahir mais em tentação.

Foi justamente nesse tempo que Papae me levou para visitar em Bedford o monumento de João Bunyan o homem que escreveu "O Peregrino". Fomos á pé visitar a villa em que elle nasceu, sua casa velha e a egreja em que prégava o Evangelho. Papae me contou como elle era um homem pobre e humilde, e como Deus o salvou e tornou-o um grande homem. Fiquei tão impressionado que, sózinho, fui bem longe de casa e sentado no tronco duma arvore cahida na floresta, passei horas em silencio—pensando... Finalmente, em voz alta disse: "Custe o que custar vou entregar o meu coração a Deus, não vou passar a minha vida vadiando de um logar para outro! Com o auxilio de Deus vou viver de tal maneira que possa encontrar Mamãe lá nos ceus!" Assim foi feita a minha decisão para sempre e Deus a acceitou. Sabia que não podia confiar em mim mesmo porque sentia mais que nunca as minhas fraquezas, nem em meus bens, porque não tinha nada, nem na mi-

nha instrucção, porque não sabia nada. Acreditava que Jesus morreu para salvar os peccadores e me sentia como um dos peores e mais fracos. Confiando no poder de Deus, entreguei a minha vida nas mãos dElle e dahi em diante começou a minha vida christã. Fui immediatamente para casa e contei a Papae a minha conversão. Elle ficou tão contente que chorou de alegria porque Deus tinha ouvido suas préces, salvando seu filho amado.

Creio que nesta occasião o Espirito Santo entrou no meu coração tomando posse da minha vida inteira; daquelle dia em diante tudo era differente. O Espirito de Deus e de sabedoria despertou o meu entendimento e intelligencia creando em mim um desejo ardente de estudar e me tornar um homem digno de ser chamado filho de Deus e do meu bondoso Pae. Tambem tive uma forte impressão que Deus tinha um plano especial para minha vida, que Elle queria que eu prégasse o Evangelho. Immediatamente comecei a estudar; tinha muita vontade de apprender, mas achei grandes difficuldades. Desde a sua conversão, Papae não perdia nenhuma opportunidade, quando era possivel, de fazer os filhos frequentar collegios, mas não tendo domicilio fixo, este grande privilegio era muito raro. Na minha vida inteira tive a opportunidade de estudar num collegio sómente oito semanas. Aconteceu, porém, que o meu unico collegio era na cidade de Cambrige, a grande séde de sabedoria e instrucção; alli apprendi as letras e podia ler muitas palavras de uma só syllaba. Infelizmente não pude continuar no collegio, mas em todo caso, **sou fructo de Cambridge,** toda a minha vida escolar passei naquella grande cidade intellectual. Em nossa casa humilde continuei os meus estudos sózinho, muitas vezes chorava porque não podia ir ao collegio ou ter alguem que pudesse me ajudar nas minhas lições. Mas a minha resolução estava tomada, não queria ser um analphabeto, um homem ignorante: esforçava-me bastante e Deus me ajudou.

Minha bibliotheca consistia de tres livros: uma Biblia, um Diccionario Biblico e um Diccionario Inglez. Era uma bibliotheca ambulante. Estes tres livros se tornaram os meus companheiros mais fieis e amados; sempre que eu arranjava o meu cesto para sahir e vender grampos, etc., tambem punha dentro delle os meus livros, não para vendel-os, mas para ler ou estudar. A's vezes, quando estava sentado á beira do caminho para descansar, tirava minha Biblia para ler e achando tantas palavras que não conhecia, ficava desanimado e chorava. A unica cousa que salvava a minha situação era que não tinha acanhamento de fazer perguntas, e pedir o auxilio dos que passavam ou dos que encontrava nas casas onde ia offerecer as minhas miudezas. As senhoras quasi sempre me ajudavam e tambem falavam bondosamente, reanimando assim o meu espirito e o meu desejo de apprender. Não queria ser um parasita, mas não tendo dinheiro com que pagar, sempre me offerecia para cantar um hymno em pagamento e para mostrar minha gratidão. Deus abençoou os meus esforços humildes: o resultado foi que os hymnos que eu cantava ficaram gravados em muitos corações e conduziram a Christo muitas almas. Nesse tempo o meu appellido era "Cigano Cantor". Uma vez uma senhora estava falando com Tilly e perguntou:

—Onde está o seu irmão?

Tilly perguntou de que irmão ella falava, e ella respondeu.

—Aquelle que canta muito e sempre estica o pescoço como um gansinho.

(Continúa).

Uma estrada de ferro que vae do canal de Suez, no Egypto, até á cidade de Jerusalém, já está funccionando regularmente, de maneira que se póde entrar num carro dormitorio perto do lugar onde os israelitas atravessaram o mar Vermelho, ás 6 horas da tarde, e amanhecer no dia seguinte ás portas da cidade santa. Os israelitas levaram 40 annos para fazer essa viagem, que hoje se faz em poucas horas. Como os tempos mudam!

UM PRESENTE DE VALOR

No dia do seu anniversario, Antoninho recebeu de sua avó uma pequena bandeira brasileira. Ficou muito contente e, quando foi á escola, prendeu-a na golla do casaco.

Todos os seus collegas repararam na bandeira e fizeram-lhe perguntas a respeito.

Ao entrar na classe, a professora tambem reparou na bandeirinha, e aproveitou a occasião para ensinar aos seus alumnos alguma cousa sobre o symbolo da nossa Patria.

Chamou Antoninho e, depois de lhe perguntar como obtivera uma bandeira tão bonita, pediu que lh'a emprestasse por alguns momentos.

Antoninho entregou-lhe a bandeira e foi sentar-se.

—Todos vocês sabem muito bem que esta bonita bandeira lembra a nossa querida Patria,—começou a professora, segurando a bandeirinha com uma das mãos,—mas não sei si todos sabem o que representam as cores desta bandeira.

Vamos ver quem sabe dizer o que representa o rectangulo verde?

—As campinas do Brasil, exclamou um dos meninos menores.

—Muito bem, replicou a professora. E o losango amarello?

Como ninguem respondesse, ella continuou:

—De que côr é o ouro?

—Amarello, responderam todas as crianças.

—Pois este losango representa o ouro, as riquezas immensas do solo do nosso paiz.

Dentro do losango, vemos uma esphera azul, representando o nosso ceu que é comparado ao bello ceu da Italia.

Atravessando a esphera, ha uma faixa branca onde estão escriptas as palavras: "Ordem e Progresso". Que quererá dizer isto?

Ninguem se atreveu a explical-o. Então a professora continuou:

—Estas palavras significam que, sem ordem, não pode haver progresso. E' por isso que eu exijo que vocês fiquem bem quietinhos, durante as aulas e que façam os exercicios nas horas determinadas. Vocês, muitas vezes, me acham impertinente, mas agora ficam sabendo que, si assim faço, é para que vocês progridam nos seus estudos.

Mas vamos continuar a examinar a nossa bandeira. Que representará o branco?

Completo silencio.

—De que côr é a bandeira que representa a paz?

—Branca, respondeu um dos meninos.

—Muito bem. Pois o branco desta bandeira representa a paz.

E estas estrellinhas?

—Eu sei, professora, disse um dos alumnos mais adiantados.

—Diga, Pedro.

—As estrellas representam os vinte Estados do Brasil e o Districto Federal.

—Bravo! Venha cá contar as estrellinhas para ver si ha vinte e uma.

Verificado o numero das estrellinhas, a professora terminou, dizendo:

—Vocês, portanto, ficam sabendo que esta bandeira é muito digna da nossa veneração. Cada uma das suas côres lembra alguma cousa da nossa querida Patria.

Bastante razão tem o Antoninho de usar a sua bandeirinha com tanto prazer e orgulho.

A primeira instituição para cégos foi fundada por S. Luiz em 1260, na cidade de Paris. Destinava-se aos soldados que haviam perdido a vista nas cruzadas.

"Que posso fazer para ti?", disse uma enfermeira, ao passar junto de uma pequenina doente, em certo hospital.

"Sorrir para mim", respondeu a menina.

BRINQUEDOS E JOGOS

A MULHER DE BATATA E O SEU PORQUINHO

Na Europa, ha muitas pessoas pobres, cuja unica riqueza consiste num porquinho que, muitas vezes, mora, com ellas, na mesma choupana. Esses porquinhos alimentam-se, principalmente, de batatas de que seus donos tambem se servem.

Agora, vou ensinar-lhes a fazer uma mulher de batata e o seu porquinho.

Para fazer a mulher, escolham uma batata comprida que tenha uma pequena protuberancia em cima para servir de cabeça. Si não encontrarem uma batata nessas condições, tomem uma bem pequena e prendam-na á batata grande por meio de um alfinete comprido. Si fizerem isso com cuidado, não se enxergará o alfinete, quando a mulher estiver completa.

Devem primeiramente, lavar a batata muito bem, sem lhe tirar a casca. Depois peguem num canivete e façam uns buraquinhos na cabeça para servir de olhos e um rasgãozinho para servir de nariz. Nos buraquinhos enfiem dois alfinetes de cabeça preta, que servirão de pupillas.

A bocca é feita com um corte maior.

Pódem pintal-a de vermelho e as faces de uma côr mais pallida.

Está prompta a mulher.

Procurem, depois, uma batata comprida que tenha uma saliencia, mais ou menos, parecida com o focinho do porco.



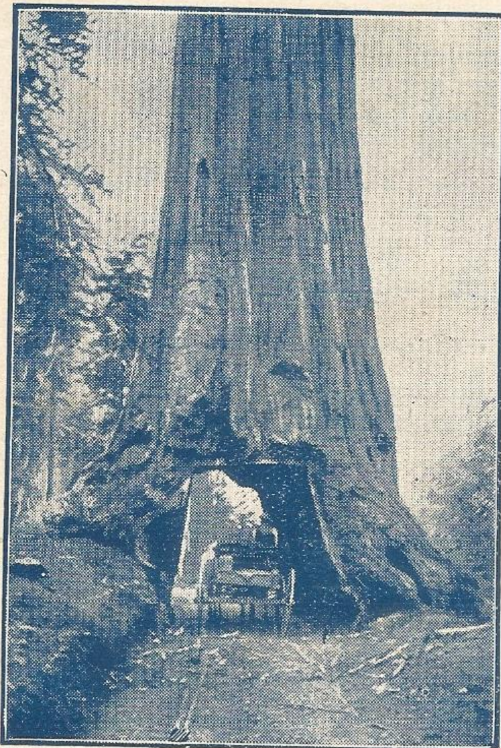
Depois enfiem quatro phosphoros, sem tirar as cabeças para servir de pés. Por olhos enfiem dois alfinetes pretos na cabeça.

Uma hastezinha de videira servirá de rabo.



QUAL E' O MAIS ATTRAHENTE?

Aqui está o retrato do Sr. Mario, pae de seis filhos, e que sempre olha para o lado alegre das cousas. Elle tem um irmão gemeo. Querem conhecel-o? Virem esta figura de cabeça para baixo e vel-o-ão. E' um solteirão que sempre anda de mau humor. Agora respondam á pergunta que encima estas palavras.



Um tunnel exquisito

Ha arvores muito interessantes: algumas vivem centenas de annos e outras são tão grandes que uma carruagem, puxada por quatro cavallos, póde passar atravez dellas como vemos nesta figura. E' no bosque Mariposa, na California, que existe esta arvore que é uma das maiores do mundo. E' chamada a Arvore Wawona e é tão grande que um tunnel foi feito no seu tronco, havendo logar para a passagem de uma carroça e ainda resta muito espaço. A arvore é muito alta e o seu tronco tem de diametro mais de 8 metros.

CONCURSO BIBLICO

Numero 5.

Phrases Truncadas:

Ninguem amigos este: seus tem de pelos maior dar amor que alguem do a vida sua.

Nota:—São encontradas no livro de São João. Trad. d'Almeida.

Numero 6.

Letras Salteadas:

sqCrdrdDsqtrpccddmnd

Eiauiooeioeeuueiaooeaoouo.

Nota:—Phrase encontrada nos primeiros capitulos de São João, foram separadas as consoantes das vogaes, porém conservadas na sua ordem; começa e termina com Vogaes.

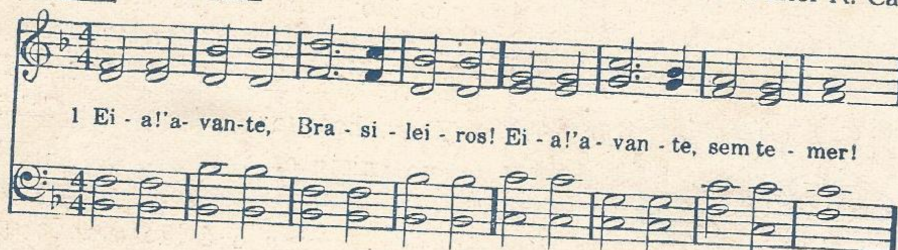
INDICE

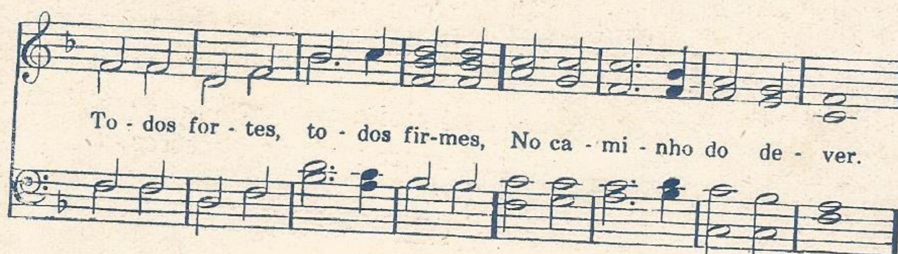


HYMNO PATRIOTICO

MARCIAL

Letra e musica de Walter R. Casseis







2

Cidadãos! as mãos á obra.
Cada qual em seu logar.
Como nobres luzitanos
O direito sustentar.
Cidadãos as mãos á obra,
O direito sustentar.

3

Soccorrer aos pobresinhos,
A virtude proclamar
Defender aos opprimidos,
A maldade derrotar.
A virtude proclamar,
A maldade derrotar.

4

Nessa patria tão querida,
Nossa terra paternal,
Sejam todos patriotas,
Sem um homem desleal,
Sejam todos patriotas,
Sem um homem desleal!

5

Guarde Deus a nossa Patria!
Salve Deus a nossa grei!
Haja ordem e progresso
Liberdade e boa lei!
Viva a Patria! Viva o Povo!
Viva a ordem! Viva a Lei!

DO LIVRO - HYMNOS E CANTICOS JUVENIS

PREÇO: 12$000

IMPRENSA METHODISTA

RUA LIBERDADE, 117

CIDADE DE SÃO PAULO